



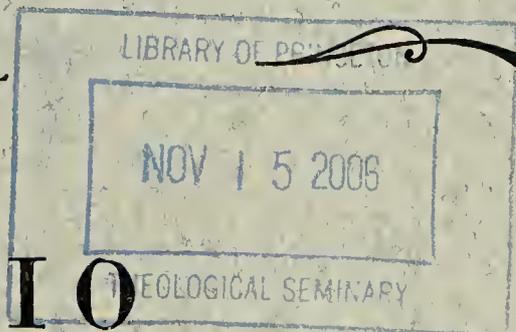


Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

LAP  
**Revista Internacional  
do Espiritismo**

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

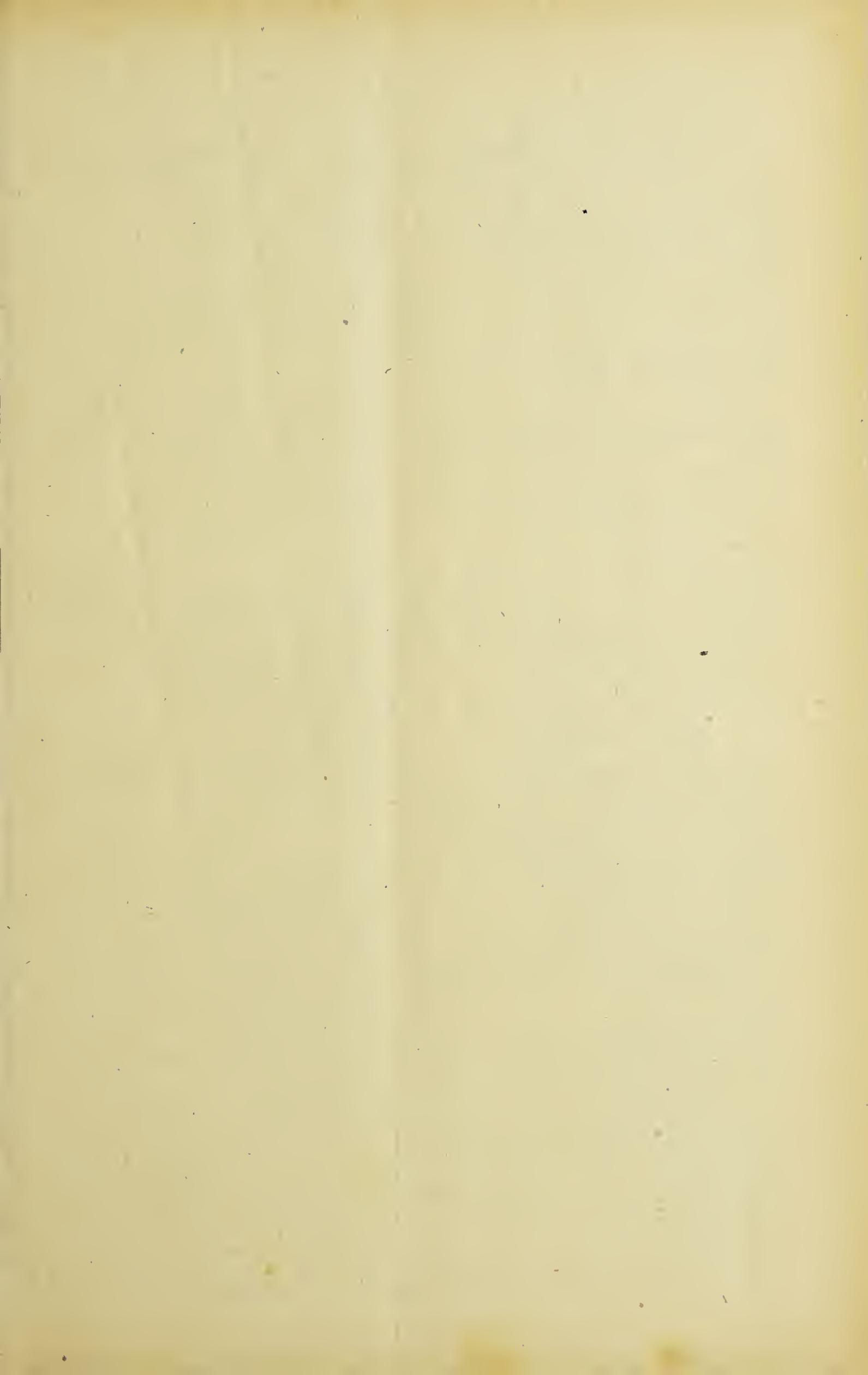
FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL



**S U M Á R I O**

Doutrina de Renovação . . . . .	<i>Redação</i>
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . .	<i>Ismael Gomes Braga</i>
A Prece e a Fôrça do Hábito . . . . .	<i>Deolindo Amorim</i>
O Sofrimento e os Animais . . . . .	<i>Carlos Imbassahy</i>
Síntese da Evolução Religiosa . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Orientação Matrimonial . . . . .	<i>Tito L. Bancésu</i>
O Proselitismo Condenável . . . . .	<i>Américo Luz</i>
Espiritismo é Espiritismo . . . . .	<i>Pereira Guedes</i>
Gôtas de Entendimento . . . . .	<i>Maj. Levino Cornélio Wischral</i>
Porque não devemos chorar os mortos ?	<i>Gilson de M. Henriques</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>





# OBRAS RECOMENDÁVEIS

## Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus  
Vida e Atos dos Apóstolos  
O Espírito do Cristianismo  
Caminho, Verdade e Vida  
Na escola do Mestre  
Na Seára do Mestre  
Em torno do Mestre  
Nas pegadas do Mestre  
O Espiritismo à Luz do Evangelho

## Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo  
Livro dos Espíritos  
Livro dos Médiuns  
O Céu e o Inferno  
Obras Póstumas  
A Genesis  
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas  
Doutrina Espírita  
O que é o Espiritismo

## Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?  
O Destino Humano  
Comentários à Historia das Religiões  
Um caso de Desmaterialização  
Materia ou Espírito?  
Ciência Metapsíquica  
Espiritismo e Loucura  
A reencarnação e suas provas  
O Espiritismo e os Problemas Humanos  
A crise da Morte  
Fenômenos de «Transporte»  
Espiritismo e Medicina  
Novos Rumos à Medicina-1.º e 2.º vs.  
Cientismo e Espiritismo  
O Espiritismo perante a ciência  
Reencarnação  
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo  
No Invisível

## Romances:

Estela  
O Sinal da Vitória  
Almas Crucificadas  
Casa Assombrada (A)  
O Solar Fatídico  
Caminho do Meio (O)  
Do Calvário ao Infinito  
Marieta  
Marta  
Memórias do Padre Germano  
Na Sombra e na Luz  
Vítimas do Preconceito  
Vingança do Judeu (A)  
Eleonora  
Cruzada Redentora  
Mireta  
Herculanum  
Almas que Voltam  
O céu em nossas almas  
Lidia  
Abadia dos Beneditinos  
Chanceler de Ferro  
Dôr Suprema  
Redenção  
Reis, Príncipes e Imperadores  
Mansão Renoir

## Infantis:

Pai Nosso  
Os Milagres de Jesus  
Alvorada Cristã  
Caminho Oculto (O)  
Didaquê Espírita  
Filhos do Grande Rei (Os)  
História de Maricota  
Jardim da Infância  
Mensagem do Pequeno Morto  
O Meu Diário  
O Espiritismo na Infancia  
O Evangelho das Crianças

**TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo**

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✕ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 23 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## Doutrina de Renovação

**O** Espiritismo é uma doutrina de renovação permanente porque está fundada na vida eterna, na imortalidade da alma, comprovada à saciedade pelos fenômenos psíquicos que se verificam em toda parte do mundo, através de médiuns de todas as raças, crenças e condições sociais, porque a mediunidade não é um privilégio, mas uma faculdade que Deus concede às criaturas. Uns têm essa faculdade mais desenvolvida do que outros ou segundo as suas necessidades ou missão.

O Espiritismo não é, portanto, novo, porque os fenômenos espíritas datam desde a fundação do mundo. E' por isso que se diz que o Espiritismo é tão velho como o mundo. Nós, entretanto, vamos ainda mais adiante ao afirmar que o Espiritismo é mais velho do que o mundo, porque antes da formação da Terra o Espiritismo já existia e dirigia outros mundos, orientando outras humanidades rumo à Perfeição, e isto pelo simples fato do Espiritismo ser a exposição ou a própria Lei de Deus, que tem por base o amor, que é o resumo de todas as virtudes.

Estudando tudo o que se relaciona com a vida, o universo, a divindade e a criatura, ocorrendo que o Espiritismo abrange todos os ramos da atividade e do conhecimento humanos e tudo quanto ainda está fóra da alçada do conhe-

cimento humano. Resumindo o seu gigantesco trabalho e o seu valor como orientador em todos os setores da imensa colmeia humana, o Espiritismo é apresentado como Ciência, Filosofia e Religião, a trindade em torno da qual voltam as criaturas em sua evolução para a conquista da Perfeição.

Do seu estudo, conclue-se que o Cristianismo não é apenas uma religião, conforme o batisaram as religiões mundanas, que no fundo dos seus dogmas e cultos externos guardam interesses materiais de uma casta e não os interesses espirituais e morais coletivos segundo os preceitos evangélicos. O Cristianismo é, além de religião, Ciência e Filosofia.

E' Ciência quando Jesus ressuscitou Lázaro, transformou a água em vinho nas Bodas em Caná da Galiléia, multiplicou pães e peixes, evocou os Espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor, e quando Êle mesmo ressuscitou e apareceu aos seus discípulos. Ainda ninguém pode afirmar o meio pelo qual Jesus multiplicou pães e peixes, transformou água em vinho e ressuscitou mortos, por exemplo. As opiniões a respeito são várias e todas bem fundamentadas. A ciência e essência do Cristianismo são demais profundas para, de um golpe, sabermos tudo a seu respeito. Mas já andamos meio caminho, o que quer dizer que não está longe o dia em que poderemos fazer o mesmo. Pelo me-

nos foi o que Jesus afirmou certa vez aos seus discípulos.

E' Filosofia quando Jesus pregou a vida eterna, a reencarnação no seu colóquio com Nicodemos e quando afirmou que há muitas moradas na casa do Pai.

E' finalmente religião quando Jesus ensinou a moral mais pura que conhecemos, através de parábolas e exemplos alicerçados no amor fraterno, por exemplo, as parábolas do «Bom Samaritano», do «Filho Pródigo», do «Credor Incompassivo», etc.

Como revivificador do vero Cris-

tianismo, o Espiritismo apresenta-se, por isso tudo, como a Ciência que descobre os chamados milagres e mistérios de Deus, que as religiões criaram como válvula de escapamento na impossibilidade de responderem com precisão às indagações dos interessados; como a filosofia que dá provas da justiça de Deus em face das desigualdades das condições sociais, intelectuais e morais das criaturas; como a religião que ensina a prática do amor fraterno, que resume todas as virtudes indispensáveis aos que querem ser realmente felizes.

## O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

### IX

Na sessão de 6 de novembro de 1952, na Cabana de Canagê, reinava uma tristeza melancólica, misteriosa, vaga, indefinível, oprimindo todos os corações e umedecendo todos os olhos, mas inteiramente inexplicável.

Enquanto d. Dolores Bacelar psicografava mensagens, duas lágrimas silenciosas lhe deslisavam inexplicavelmente pelas faces. Ninguém sabia de onde viera aquela onda de tristeza que invadia todo o ambiente e a todos atingia. Depois tudo ficou esclarecido: achavam-se presentes diversos Espíritos infelizes que virão em breve reencarnar-se na superfície da Terra, em existências expiatórias, já conscientes das dores que terão de enfrentar para vencer, não para se deixarem vencer, como já lhes sucedeu em encarnações pretéritas.

Dentre as mensagens recebidas, duas eram poesias de Hermes Fontes que teve a desventura de suicidar-se, em pleno vigor de seus 42 anos de idade, nesta Capital, aos 26 de dezembro de 1930. Não vamos apreciar aqui a técnica dos versos, a maior ou menor perfeição do aparelho mediúnico em desenvolvimento, mas somente o ensinamento doutrinário que os versos nos trazem. São gemidos metrificados e rimados de um grande sofredor, Ei-los:

### ○ Suicida

*Não devemos parar em meio da jornada, receosos da dor, receosos da vida.*

\* \* \*

*... êle deixara o corpo ferido na estrada,  
na ilusão de fugir do humano pesadelo...  
Despertou sob a dor da Alma dilacerada.  
Que terrível silêncio... Que ambiente mudo...  
Trevas e solidão angustiando tudo!  
Sentia-se perdido, envolto em sombra e  
[gêlo,*

*Palpa a treva em torno. Ergue-se. Vai à  
[procura  
do corpo que deixou como uma veste  
[inútil...  
... e o encontra desfeito em lama na se-  
[pultura.  
Mas a dor que o impelira p'ra a fuga  
[da vida,  
continuava ali em sua alma contida.  
Viva. Real. Concreta. Dolorosa. Dutil.*

*Revê da vida os dias... — «Havia um  
[céu, (ou vago  
sonho?) pleno de estrêlas, de sóis res-  
[plendentes,  
sôbre a placidez turqueza de um lindo  
[lago...  
Mas uma vaga... (Toda vaga reflete uma  
dor...) certa vez surgiu e fô sem dó,  
[levando  
todos os belos sonhos e ilusões... Ma-  
[tando  
os ideais dos meus tempos adolescentes...  
E que é a Felicidade? Ilusão só, em suma.*

*Tudo mudou. O meu céu ficou plúmbeo  
[e frio...*

O lago sem beleza... E todos os meus  
[sonhos  
afogaram-se em minh'alma — lago som-  
[brio —  
e a vida se cobriu de pântanos medonhos!  
Eu me deixei levar pelas pútridas águas,  
vencido pela dor, pelas múltiplas mágoas.  
Os meus dias tornaram-se negros, tris-  
[tonhos...

Esqueci que a tristeza anda com a alegria,  
e sorrisos e lágrimas, num mesmo olhar  
fulguram. Que a Mão que fez a noite,  
[fez o dia,  
fez a gota do orvalho e a imensidão do  
[mar.

E louco, desvairado pelas dores, a esmo,  
busquei a morte como quem procura um  
[porto  
onde possa ancorar em paz e com con-  
[forto...  
Porém, que decepção... Ali, tudo era o  
[mesmo!

Ou pior. Porque antes era só a dor,  
mas agora, além da dor, eu sinto o re-  
[morso...

Aparição satânica, espectro de horror,  
que sobre tudo e em tudo aparece. No  
[dorso  
de minh'alma cravou êle as ferinas garras,  
como imensas, terríveis e fortes amarras!

Oh! como dói assim viver... Debalde  
[grito!

Tenho a boca sedenta e os olhos cheios  
[de água...

Mais torturado fico, quanto mais me agito.  
As lágrimas aumentam-me as dôres e a  
[mágoa.

Sofro. Carrego o Inferno n'alma. Sofro  
[e peno,  
porque, mísero louco, volvi ao Infinito  
pela porta infernal de um copo de ve-  
[nenos.]»

\* \* \*

Não devemos parar temendo a caminhada,  
receosos da dor, receosos da vida...

Não devemos parar em meio da jornada.  
Sofrimento é ascensão! Sofrimento é su-  
[bida

que transporta a Alma para a Divina  
[Morada!

## Animus aeternus

— Partícula gerada pelo Criador,  
Luz infinita que no Cosmos se propaga,  
Essência que não pode a Morte de-  
[compor, —  
a Alma é a chama que oscila porém não  
[se apaga,  
sob o vendaval de dor.

Há milênios vive a Alma esparsa sobre  
[o mundo.

— Glória, Poder, Tesouros, Honra, Fama...  
Tristezas, desenganos, males, do profundo,  
tudo se despedaça e morre, volve à lama,  
em rápido segundo...

O corpo de Afrodite, e o da flor, e o  
[da fera,

O Tempo decompõe, finda, desvanece...  
A beleza de Apolo, o lírio, a monera,  
tudo no imo da Terra se estingue, apo-  
[drece...

Finda-se a Primavera

— Ela não se desfaz em cinza, em la-  
[ma, em nada.

É eterna. A alma, energia divina, é a  
[própria Vida.

Quando a morte deparas, num final de  
[estrada,

exulta! A Morte é apenas ponto de par-  
[tida

para Nova Alvorada!

Quem pretenda estudar a mediuni-  
dade só com o cérebro, de um ponto de  
vista friamente científico, sem interferên-  
cia da alma e do coração, tem que fa-  
lhar, não alcançará a verdade. O senti-  
mento, a intuição, a percepção direta da  
alma têm muito que colaborar nestes  
estudos.

O simples conhecimento científico  
materialista não basta para o estudo da  
mediunidade; por isto muitos homens de  
ciência têm falhado na interpretação dos  
fatos mediúnicos. Já foi um grande pro-  
gresso de tais homens de ciência o re-  
conhecimento da veracidade dos fenô-  
menos. Houve tempo em que tudo atri-  
buíam à fraude universal ou, como se  
expressou um cientista inglês do século  
passado: «A metade é fraude e o resto  
é má observação».

Já estamos bem longe dêsse tem-  
po: hoje todos proclamam a veracidade

dos fatos, embora muitos permaneçam na impossibilidade teórica de explicá-los, porquê eles são realmente inexplicáveis sem a «hipótese» espírita que lhes repugna, por ser a derrocada de seus dogmas negativistas, de toda a atual civilização materialista. Mas os fatos são invencíveis em sua perseverança eterna: repe-

tem-se através dos séculos e milênios, e finalmente terão que vencer todas as teorias que lhes são opostas.

Talvez até mais cedo do que se supõe, surgirá uma nova civilização para a Humanidade da Terra.

*Ismael Gomes Braga.*

## ↓ A Prece e a Fôrça do Hábito ↓

(PALESTRA LIDA AO MICROFONE DA RADIO GUANABARA — RIO DE JANEIRO — PROGRAMA «SELEÇÕES ESPIRITUALISTAS»).

 **U**M amigo meu, aliás muito estudioso, disse-me certa vez que não é favorável ao costume, adotado no meio espírita brasileiro, de se fazer prece nas reuniões de conferências. Não é que o meu amigo e confrade seja contra a prece, como pode parecer. Não. O ponto de vista que êle defende se fundamenta numa razão muito simples: acha o meu amigo que só se deve fazer prece nas reuniões de carácter espiritual, isto é, nas sessões mediúnicas, nas sessões de caridade, por exemplo. Para êle as sessões de conferências não comportam a prece, porque são reuniões mais culturais do que propriamente espirituais; além disto, o ambiente, quase sempre, é heterogêneo. Então, diz êle: a prece, em tais reuniões, é mais uma questão de hábito, uma formalidade. Devo dizer, desde logo, que não concordo inteiramente com o meu amigo, porque entendendo que todas as reuniões espíritas, inclusive as de conferências, têm um lado social, cultural ou humano, mas não deixam de ter um lado espiritual. De qualquer fôrma, a prece é sempre necessária, porque nós nos reunimos para fins espirituais. As conferências espíritas, embora tenham, até certo ponto, um aspecto social, têm o seu aspecto espiritual, porque nós procuramos, na maioria dos casos, receber alguma luz espiritual através da palavra do conferencista. As conferências espíritas, forçosamente, são diferentes das conferências literárias ou acadêmicas, porque têm objetivos diferentes. Há, porém, um ponto em que o meu amigo tem razão: diz êle que mui-

tas vezes se faz prece apenas por fôrça do hábito, sem homogeneidade de pensamento, sem vibrações afins, sem disposição íntima. Neste caso, realmente, a prece é apenas convencional, não passa de mera formalidade. Não se pense, porém, que o meu amigo, por entender assim, seja contra a prece. Absolutamente. Acha êle, como todos nós achamos, que a prece é um ato muito sério, um ato sagrado, e por isso não se deve fazer prece a qualquer momento, não se deve, finalmente, mecanizar a prece. Inevavelmente, o uso da prece, em certos casos, chega a tomar feição de verdadeiro abuso. Faz-se prece por tudo e a propósito de tudo, até para as coisas mais simples, mais corriqueiras. Há ocasiões em que, depois de uma discussão acalorada, depois de certas reações violentas, não estamos em condições espirituais de entrar em harmonia com as fôrças do Alto. Ora, a prece é um meio de que se serve a criatura humana para entrar em comunicação com o mundo espiritual, o recurso de que nos servimos, nos momentos graves, para nos dirigirmos a Deus. É natural, portanto, que a prece dependa de condições especiais. Enfim, é uma questão de ponto de vista.

A opinião do meu amigo, que não concorda com a prece nas conferências nem nas reuniões festivas, porque acha que a prece deve ser reservada sómente para os atos de puro recolhimento espiritual, sugere outra ordem de considerações. Seja ou não seja necessária em determinados atos, o certo é que o valor da prece já está mais do que demonstrado. A prece é uma fôrça. Che-

ga-se a dizer, e com toda propriedade, que a prece é «alavanca do espírito.» A comparação é um tanto literária, mas é verdadeira. E', portanto, pela prece, mas prece-sentimento, prece-vibração, prece-fôrça, enfim, que nós nos reerguemos espiritualmente quando nos sentimos abatidos pela tristeza, pelo desespêro, pelas angústias. Para isso, porém, é necessário que a prece não seja apenas habitual, não seja apenas uma questão

de costume ou de tradição, porque assim a prece é simplesmente maquinal ou mecânica, sem qualquer sentido espiritual. A prece é, acima de tudo, uma necessidade do espírito. Justamente por isso, e neste ponto vou concordar com o meu amigo, a prece deve ser feita nos momentos necessários e com o maior sentimento de responsabilidade.

DEOLINDO AMORIM.

## O Sofrimento e os Animais

O problema é um dos mais complexos e complicados, qualquer que seja a doutrina filosófica que o encare.

Será impossível tratar proficuamente de um assunto que requer grande número de exemplos e carece de considerável cópia de argumentos, com o pouco espaço de que dispomos.

Nenhuma doutrina até hoje procurou justificar o sofrimento dos animais. Aquelas que aceitam o princípio reencarnacionista já compreendem a razão das dores humanas; mas pararam aí. Em Espiritismo se sabe que as nossas penas derivam de um passado pecaminoso; que o sofrimento, remindo-nos\* dêsse passado, conduz-nos às regiões da felicidade. As lições dos Espíritos, nesse terreno, são amplas, claras e concludentes. Elas, porém, em regra, silenciam quando se trata dêsses nossos irmão menores, como lhes chamam, e de onde viemos, necessariamente, através do plano evolutivo universal.

Se todo o problema consistisse no vocábulo *evolução*, te-lo-íamos resolvido. O animal sofre porque a dor é necessária ao progresso, e só se progride passando pelos degraus dolorosos que o mundo nos oferece, quer se trate do homem, quer do animal.

Não basta, porém. Não basta porque sabemos que a pena está ligada a uma falta: é a lei fatal, inexorável, de causa e efeito. A cada mau ato praticado corresponde uma penalidade, penalidade que se acha em relação com o ato mau. Teríamos, estendendo a lei aos animais, que verificar se êles estariam expurgando as suas impurezas.

A dúvida reside em não podermos compreender como poderiam os animais estar expurgando faltas de que não teriam consciência, sendo êles, como vulgarmente se diz e pensa, irracionais. Além do mais, obedecem a instintos, aos hábitos da espécie, a uma herança imodificável.

Tôda a questão se resumiria em sua irresponsabilidade. Colocada a questão nestes termos, o que nos resta saber é se, de fato, os animais são inteiramente irresponsáveis, ou se nós estaremos certos na definição que damos à responsabilidade. Parece, portanto, que todo o equívoco gira na noção que possuímos do ser, quanto ao livre uso do seu procedimento, ou seja, do modo por que a responsabilidade é encarada.

Segundo a maneira por que a vemos, o índio, o selvagem, o bárbaro e mesmo o semi-bárbaro e muitos civilizados, inteiramente insensíveis, moralmente impassíveis, sem a noção do pecado ou do crime, obedecendo à sua ferocidade nativa, aos seus instintos selvagens, seriam também irresponsáveis. Há indivíduos aos quais a amoralidade é completa; agem de acôrdo com os sentimentos inferiores que possuem, e que mantêm em razão da raça, dos costumes, das necessidades, da falta absoluta de conhecimento, de sentimentos e de luzes. Entretanto, sofrem. O sofrimento é uma das características do planeta. Ninguém lhe escapa.

Não resta dúvida que a responsabilidade dêsses irmãos primitivos não é precisamente aquela que definimos, e o sofrimento, nem por isso, deixa de existir. Por outro lado, como nos parece, é erro supôr que o animal é apenas prêsas de

instintos, quando êle possui inteligência, habilidades, virtudes e vícios, vontade, caprichos, discernimento, ciúme, vaidade, embuste e quasi todos os sentimentos que couberam em partilha às criaturas, em maior ou menor escala, guardadas as necessárias proporções, e tendo-se em vista que os animais se acham muitos graus abaixo de nós.

Aquí é que não nos sobra o tempo para ilustrar as afirmações. Não falamos nos célebres cavalos de Elbelferd e outros animais calculadores, que espantaram verdadeiras assembléias de notáveis com a demonstração de suas aptidões e de uma inteligência às vêzes pouco comum entre os homens.

Basta lembremos o que se passa com as formigas e outros insetos, que se diriam desprovidos de intellecto. Há, entre êsses animais, uma sociedade perfeitamente organizada. As formigas, por exemplo, possuem guerreiros, escravos, operários, espiões, esculcas, olheiros e escutas...

Os formigueiros são verdadeiras obras de engenharia, com canais cheios de cotovelos, esconderijos, postos avançados, panelas, celeiros. Há as encarregadas de vigiarem e guardarem o material; há as operárias, que umas cortam as folhas das árvores e as jogam ao chão; outras as apanham e carregam; tudo já delineado, planejado, sem atropelos, correrias nem confusões; cada qual sabe o papel que tem a desempenhar, salvo algum imprevisto, e então elas confabulam, cochicham, transmitem ordens...

Há as sentinelas, as que ficam vigiando à borda do buraco, ou passeiam em expectativa e alerta pelo caminho. Ao menor sinal de alarma, elas fecham a entrada dos canais, ou, se é uma invasão de outros insetos, logo as guerreiras vêm para o campo e trava-se a peleja com uma tática, uma ferocidade, que se diriam sêres humanos em luta.

Muitos negam haja inteligência e organização entre abelhas, formigas e outros himenópteros e hemipteros. Fabre dizia: «O animal edifica, tece, apunhala ou paralisa como digere ou segrega o veneno de sua arma, a seda do seu casulo ou a cera dos seus favos, sem a menor percepção dos seus meios e de seus fins. O Professor Gaul que também não é muito propenso a admitir a inteligência nesses animalzinhos, reconhece que há neles certos sinais de intellectualidade; nas

abelhas, por exemplo, há noções ou informações adquiridas. Kroeber, dos Estados Unidos, informou que as abelhas podem comunicar noções abstratas para usar símbolos e para indicar a direção em que se encontra nectar, e isto com movimentos que implicam uma espécie de operações geométricas, conforme lemos numa crônica de Carlos Dávila.

Os entomologistas modernos já percebem que há discernimento nesses pequenos animais. Conta-nos um engenheiro que vendo suas árvores atacadas pelas formigas, resolveu cercá-las com um vaso contendo um líquido venenoso, que lhes impedisse a passagem, visto que elas costumavam, quando se tratava de água simples, cobrirem-na com uma camada oleosa, que servia de ponte, e continuavam a travessia sem maiores preocupações.

Mas, estacaram diante da solução, e o engenheiro ficou a apreciar e a gozar-lhes o embaraço. Pouco a pouco foram elas desertando, até que, mais tarde, apareceram duas maiorais e ficaram a examinar o local, com ares de grande proficiência e jeito de quem faz grandes estudos. Eram, provavelmente, as engenheiras.

Depois de formal inspeção, foram-se. Foram-se, mas para voltar com um certo número de colegas que vinham com um carregamento exquisito. Em breve armaram ali um pontilhão, e logo vieram outras formigas, atravessaram-no e toda a fila, interminável, escalou a árvore. O engenheiro, abismado, resolveu ceder-lhes o vegetal.

Contou-nos, ainda, o Dr. Carlos Lomba, que colocara num colossal formigueiro umas cápsulas gelatinosas de cianureto de potássio. Essas cápsulas, com a humidade, dissolvem-se, deixando desprender gaz cianídrico, que é mortal, para as formigas. Qual não foi o seu espanto quando viu, no dia seguinte, que as formigas tinham trazido todas as cápsulas para fóra.

Os casos demonstrativos da inteligência dos animais são inúmeros. Todos sabem da abnegação dos cachorros em defesa e salvação de seus amos ou mesmo de amigos da mesma espécie, e das esperanças de que são capazes. Há pouco um macaco fêz a greve da fome porque prenderam o seu senhor e amigo.

Conta um caçador que êle atacara um veadozinho filhote. Ao ruido dos tiros, o veado, pai ou mãe, em vez de fugir,

precipitou-se e ficou guardando com o corpo o corpo do filho, até que ele pudesse embrenhar-se na floresta, acabando por cair vítima de sua dedicação.

Conheci um cão a quem o dono espancava por ir à rua. Para evitar a pancadaria, ele se deixava ficar em casa, enquanto o espancador ali permanecia, e ganhava a porta da rua logo que o dono se ausentava. E perambulava, rua abaixo, rua acima, em escandalosas farras, até à hora da volta do dito dono. Precisamente a essa hora, o animal se punha numa esquina, apenas com o focinho para o lado de onde vinha o homem, focinho que era uma espécie de periscópio, armado dos dois olhos vigilantes. Mal o patrão apontava, êle recolhia o focinho, invisível de longe, e galgava a porta de casa, de sorte que quando aquele chegava, já encontrava o seu *fiel* animal calmamente deitado, um tanto sonolento, como se ali estivesse pachorrentamente, durante horas.

Morávamos numa localidade servida por estrada de ferro e eu chegava à tardinha de trem. Ora, o meu cachorro, êste caseiro, quase anacoreta, à hora precisa da chegada do trem, lá estava na estação à minha espera.

Vimos uns macacos a chorarem como crianças tomadas de sofrimento. Mas era tudo refinada hipocrisia; aquêlê choro era apenas para levar à comiseração os visitantes e ganharem balas, doces e comessinas, o que geralmente acontecia quando não se desconfiava da marosca. Quando não havia visitantes, também não havia choros.

Notei cachorros como pastôres a conduzirem manadas de bois, e usavam de verdadeiras táticas para levá-los para a direita ou para a esquerda, para fazê-los parar, para apanhar os desgarrados. Tudo isso requeria discernimento.

Macacos e elefantes usam de artimanhas e se vingam habilmente daqueles que lhes fazem mal. Contaram-nos que um símio, que apanhára uma surra, escondera-se atrás de um pau, como qualquer malfeitor, e quando o agressor passou por perto, desfechou-lhe uma cacetada. Vingara-se como qualquer sêr humano.

Um elefante, a quem picaram a tromba, esperou tranquila e distarcadamente o gaiato e quando este de volta lhe passou perto, desfechou-lhe pela ca-

beça um verdadeiro balde de lama, que absorvera com a tromba. Excusado será dizer que a cena foi saudada com estrepitosa gargalhada.

Tais fatos demonstram habilidade, planejamento, raciocínio e sentimento. Se bem estudarmos o assunto, veremos que os homens estão mais ou menos nas mesmas condições mentais. Há apenas uma questão de graus.

A perplexidade deveria ser quase a mesma para explicar o sofrimento de muitas dessas criaturas. São arrastadas ao mal pela inferioridade de seus sentimentos; não têm a noção do bem; não compreendem e mesmo desconhecem o valor das altas qualidades. Seguem os impulsos da alma, impulsos que vêm de longe, contaminados pelas vidas animais, agrestes, selvagens. A purificação se lhes vai fazendo aos poucos, por meio das vidas sucessivas, pelo contacto com a natureza e com os semelhantes, pelo atrito milenário com a vida, pela prática trazida com o correr dos séculos. Esta é a lei da evolução. E os animais, tanto como nós, a elas estão sujeitos.

Vejamos a responsabilidade sôbre outro prisma. Só depois de certo período evolutivo, só depois de um longo caminhar através de várias existências, só pelo cadinho do tempo, é que a razão vai amadurecendo e nos podemos guiar com segurança pelas estradas da nossa interminável jornada.

O uso do livre arbítrio é feitura do progresso espiritual. Só se poderá julgar seguro de bem guiar-se quem tem o discernimento esclarecido, e o esclarecimento no discernir é fruto de longa aprendizagem, de quedas e soerguimentos, de lutas milenares, de um burilamento do espírito que só o tempo, a prática e por fim o esforço, pode trazer-nos. E ao lado dêles, o sofrimento é a lixívia constante, infalível, imorredoiira, que só se irá atenuando à proporção que as impurezas da alma se forem desgastando nesse gigantesco periplo.

A vida animal é um dos seus primeiros degraus; passamos depois para a vida humana, nos seus diversos estágios, e depois para a dos espíritos superiores, que são aqueles a quem a intuição religiosa já chamava de anjos, arcanjos, querubins, serafins.

E' a ascensão lenta, talvez intérmina, mas sublime.

\* \* \*

De um lado, pois, não se poderá negar a responsabilidade dos animais, embora sem a latitude que as noções atuais lhes conferem. Há neles vontade, critério, apreciação, arbítrio, sentimentos.

O arbítrio é gradativo, evolutivo.

De outro lado, vemos a aproximação psíquica que existe entre as espécies mais adiantadas do reino animal e as menos evoluídas da espécie humana. Não poderíamos estabelecer padrões inteiramente diversos. O encadeamento na natureza é patente. O que servir para os homens deve, portanto, aplicar-se aos animais.

Longe estamos de apresentar conclusões definitivas. Longe de supôr tenhamos resolvido o problema e dado uma explicação convincente, no que toca ao sofrimento dos animais. São notas que deixamos à consideração dos estudiosos e que poderão servir, quem sabe, a trabalhos ulteriores.

De um fato, porém, devem estar todos certos, é o de que o sofrimento coube a êste mundo e é por êle que galgamos as altas esferas da espiritualidade. Todos sofrem. Êle é o grande purificador, o grande propulsor. E' o veículo para o progresso e a felicidade. Não é uma teoria: é um fato patente.

Os animais, êsses nossos irmãos menores, não poderiam fugir à lei. Caberia aos homens minorar-lhes a triste e penosa condição em que vivem, tratá-los como seres sensíveis, física, e o que é mais, moralmente. Deveriam ter-lhes compaixão. O animal, se fossem outros os nossos corações, estariam sob a nossa égide, em vez de estarem à nossa descrição, padecendo os maus tratos, as penas, por vezes terríveis, que nós lhes inflingimos.

Tempo virá em que havemos de compreender, que não só os homens, senão tudo o que vive, está debaixo da lei do progresso e da lei das leis, — a lei do Amor.

Carlos Imbassahy.

---

## Síntese da Evolução Religiosa

LEOPOLDO MACHADO

---

(Continuação).

Aí, numa aldeia pequenina, no seio de uma família protestante, apareceram, entre 1847 e 1848, fenômenos provocados por espíritos, que teriam de atear fogo ao mundo, chamando a atenção de todos.

John Fox e família, metodistas, centralizam os fenômenos reveladores, que teriam de revelar uma nova ciência, a reforma do Cristianismo profetizada e uma filosofia profunda.

Aliás, nessa mesma terra, um ano antes, Andrew Jakson Davis profetizara, tomado de espírito que «os tempos estavam chegados e o machado posto à raiz da árvore secular da revelação que não dá mais fruto».

As irmãs Fox, os médiuns, foram envolvidos nas teias de uma história de terrível vingança.

Esta, a história.

O espírito de um bufarinheiro, Carlos Rosma, teria sido o chamariz de

grande celêuma que se alevantaria num país protestante, no seio de uma família protestante, negada e afirmada por muita gente protestante.

E vinte séculos depois do advento do Cristianismo !!!

O bufarinheiro fôra assassinado por seus hospedeiros, à noite, enquanto dormia. Crime de roubo. E foi enterrado na adega da casa, desaparecendo, depois, os assassinos. O crime ficaria, assim, impune.

O espírito do assassinado veio protestar, depois, alarmando todos que morassem na casa.

Foi isso em Hydesville.

O fato passou, depois, para Rochester, Cleveland, o país inteiro, o mundo...

Agitou-se o Protestantismo.

E houve, no meio protestante, choques de idéias, contra e a favor.

Observai bem, leitor amigo :

Dois mil anos depois do Cristo, no meio protestante, que era a mais evolui-

da manifestação do Cristianismo, por interferência de Espíritos e no país mais novo e evolutivo do planeta...

\* \* \*

Na sua agitação sectarista e misoneísta, os metodistas cometeram o caso das Irmãs Fox à maior autoridade de sua Igreja—ao rev. Haumont—para liquidar o assunto.

Sério, talentoso, desabusado e veemente, sua opinião seria definitiva.

Mas, o depoimento do reverendo protestante aniquila os adversários gratuitos da Nova Revelação. «Se é obra de Satanaz, como se diz, então, é força admitir que Satanaz se converteu ao Cristianismo, progridiu muito».

E protestantes foram todos os que emprestaram força e calor ao movimento que surgia, a partir de cima para baixo.

Protestante era o Dr. Fish, em casa de quem se fundou o primeiro centro espírita, em 1848.

Metodista era Isaac Post, metodista, que engendrara o primeiro instrumento para gravar a voz dos espíritos.

O Rev. Dr. Pheps, protestante, abriu em nome da ciência e para os espíritos mais indagadores, sua casa a estudos dos fatos. E cientistas da América passaram a se interessar pelo movimento.

Robert Hare, o juiz Edmond, Fernand Cocper, o cientista novaiorquino Dexter, foram os primeiros que se preocuparam com os fenômenos.

E o ano de 1850 ficaria assinalando a vitória do novo movimento, em nome da ciência, com o nome de *Metapsíquica*. E feito o ano primeiro do calendário metapsíquico.

\* \* \*

A França, cuja língua era, então, a língua universal—por isso que se dizia «falar em francês é falar para o mundo»; a França, que era o cérebro do mundo; a França, que ainda não levava suficientemente a sério os problemas da imortalidade; fôra a França a terra escolhida para a codificação da nova Doutrina.

E como foi a codificação?

A nova doutrina havia se afirmado nos Estados Unidos feito uma ciência,

o *Modern Spiritualism*. Ou simplesmente. *Spiritualism*.

Nome que ainda conserva até hoje.

Mas, seria na França que a ciência se cristalizaria, por força do renome e do espírito de observação e pesquisa de Charles Richet, a quem muito ficou a Metapsíquica, a partir do próprio nome, a dever...

A Metapsíquica não seria mais do que o estudo científico dos fatos espíritas, e a nova Doutrina ia muito além dos fenômenos, apenas.

Se entrosava fatos, manifestava aspectos morais apreciáveis, e seus conceitos filosóficos, explicando o Universo e a Vida, precisavam ser codificados.

Foi o que se deu na França, através de uma língua diferente da inglesa.

\* \* \*

A América progredia.

E fazia a mais séria propaganda de sua importância, e do fastígio em que, hoje, se encontra.

Isso, despertava ciúmes e inveja.

Principalmente, da França que mantinha a *hegemonia cultural* do mundo.

Dizia-se aí, ridicularizando a América que «da América, nada se podia esperar de bom e de sério...»

E as inteligências formadas sob a influência da cultura francesa, nutriam os mesmos pontos-de-vista contra a América. Foi o caso de Eduardo Prado, que escreveu a ILUSÃO AMERICANA.

Também se dizia, nos dias do advento do Cristo, que «de Nazaré nada se podia esperar de bom».

E o Cristo nasceu em Nazaré...

\* \* \*

Chegaram à França os primeiros rumores da Nova Doutrina, causando sensação na sociedade francesa.

Principalmente, nos meios fúteis e elegantes da França, que se preocuparam muito com o espetáculo das *mesas falantes*, das *mesas girantes*...

Paris se divertiu a valer com tais *mesas*...

Mas, houve também, quem levasse muito a sério tais fenômenos.

Dr. Leon Hipolite Denizard Rivail teria sido um dos que menos importância dariam aos fatos, a despeito de antigo magnetizador.

De formação católica e de estudos no meio protestante, como substituto direto do grande Pestalozzi, teria, até, dito, impugnando a intervenção de Espíritos nos fatos:

— Ora, aquilo que vem da América pode-se lá ser levado a sério?!

E insistido por um velho amigo, profundamente bem impressionado com as reuniões que se processavam na casa de Mme. Plainmaison, que o queria arrastar para assisti-las, chegara a dizer:

— Quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar e nervos para sentir, eu levarei isto a sério...

É óbvio que não se lhe provou nada.

Mas, ele viu a mesa falar sem cérebro para pensar, e revelar sentimentos sem nervos sensitivos.

E viu que, por intermédio de tais mesas, *Nova Revelação* seria revelada ao povo.

E teve, ainda, a missão gloriosa de ser o codificador da *Nova Revelação*.

Assim, teria que ser nessa França, que nada levava a sério a respeito de problemas espirituais; teria que ser nessa *lingua de falar ao mundo*; teria que ser na *civilização cérebro do mundo*; teria que ser, por um espírito desiludido do catolicismo e versado nas coisas do protestantismo; teria que ser pela palavra e pela pena de um homem frio, que hostilizara, a princípio, os fatos, que até desanimara nos seus estudos, a ponto de resolver abandoná-los; teria que ser, em suma, pelo dr. Denizard Rivail, que se apresentaria, codificando a Doutrina, com o pseudônimo de Allan Kardec, que a *Nova Revelação* seria apresentada ao mundo, com o nome de Espiritismo...

\* \* \*

O primeiro volume da Nova Doutrina seria o LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Livro ditado pelas entidades que lhe dão o nome, saído em 1857, a 18 de Abril, consubstanciando a sua parte filosófica. Mas, que revelava, a um só tempo, uma grande ciência e uma profunda filosofia, corporificando, portanto, a profecia de José de Maistre.

E seu primeiro grande louvor veio do clero católico.

E da mais alta expressão desse clero, o Senhor de Lacordaire, que proferiu, em memorável sermão, na igreja de Montmatre: «Foi Deus que cometeu ao sr. Allan Kardec a missão gloriosa de demonstrar, cientificamente, o que a Igreja ensina e ninguém leva a sério: a existência de Deus e a imortalidade da alma».

Seu superior hierárquico, o Abade da Laçany, endossa o que disse o maior tribuno sacro dos tempos, dizendo, por sua vez: «praticando-se o que se contém no *Livro dos Espíritos*, tem-se feito o suficiente para ser santo na Terra...»

O *Evangelho Segundo o Espiritismo* viria, depois, confirmar o sentido religioso da Nova Doutrina. E seria, concomitantemente, uma prova de que, além do Positivismo do sr. Augusto Comte, surgira Uma Doutrina a confirmar, duplamente, o asserto profético de José de Maistre: que era, a um só tempo, uma *nova religião* que surgia e *uma reforma* do Cristianismo...

\* \* \*

A Nova Revelação — a última interpretação científica, filosófica e religiosa do Cristianismo — teria que dar volta ao mundo, interessando, sendo afirmada e negada, discutida em prélios respeitáveis.

E teria que ser estudada, sentida e praticada por vários aspectos e através de várias modalidades.

Apareceu no novo continente e na língua inglesa.

Aí, afirmou-se com fundamentos científicos, interessando sábios, escritores, cientistas, reverendos...

Fôra codificada na língua francesa, no velho continente e na terra que era o cérebro do mundo.

Aí, foi revelado, pelos Espíritos, o corpo filosófico da doutrina e afirmou-se ainda mais como ciência, dando origem a uma ciência interessante, a *Metapsíquica*, que é o conhecimento científico dos fatos supranormais, obra dos Espíritos *atrasados*.

(Continua).

---

Uma só é a estrada que nos conduz a Deus. E esta estrada tem que ser construída por nós mesmos e com as nossas próprias obras. — DALVA.

# ☀️ Orientação Matrimonial ☀️



ENDO o Espiritismo uma ciência de observação e experimentação, sua amplitude é de tal natureza que de modo algum exclúe a vida prática dentro do conjunto social. Entendemos que a união matrimonial representa um fator de importância transcendental na trajetória terrestre de dois seres que se decidem a levar uma existência comum, suportando uma luta tenaz e decidida. Da felicidade ou desdita conjugal, deriva, geralmente, o futuro dos filhos do matrimônio.

O ideal spiritista não pôde nem deve estar alheio à orientação matrimonial: em virtude, precisamente, de ter o matrimônio levado a termo com madureza de juízo, raízes longinhas em existências terrestres anteriores.

Dai o raio de ação do Espiritismo requerer, para o interpretar com lógica e naturalidade, incessante *luta* nas esferas terrestres, nas quais atuamos. Por isto cremos que as instituições espíritas têm a obrigação moral de abordar em forma pedagógica o problema da importância que assinalamos.

A juventude tem direito ao benefício deste ensino tão útil como necessário. As escolas de orientação matrimonial desempenhariam, neste sentido, função social de inegável importância. Deste modo, se evitariam não poucas desavenças que se produzem nos matrimônios mal ajustados, incapazes de se compreenderem, se tolerarem e amarem de acordo com as leis divinas. O Espiritismo oferece antecedentes de inquestionável valor, estabelecendo através das reencarnações que a atual união conjugal não obedece a casos fortuitos, mas a uma relação de fatos preexistentes.

Dois seres unidos em matrimônio encontram sérias dificuldades em sua rota, especialmente as de índole econômica e sobretudo efetiva. Cumpre, porém, aqui assinalar que os contraentes, enquanto estavam no espaço, tiveram bastante tempo (já que Deus nada apura) para analisar e meditar sobre a nova empresa que os dois espíritos vão reali-

zar. Claro está que na vida do espírito tudo se contempla com otimismo e se confia na vontade de vencer os obstáculos que examinaram. Dentro da carne e num mundo carregado de egoísmo e malevolência, como o é o nosso, se observa a vida de outros modos, a vontade de vencer fraqueja e o lar matrimonial se converte em inferno. Demais, cumpre observar que nos matrimônios de opulência, a felicidade é ainda mais passageira que nos lares modestos.

A Missão do ideal spiritista é, pois, encarar estas questões com critério didático, afim de formar e reformar juventudes consciêntes para o matrimônio. Este último tem que desempenhar função sumamente delicada, visto que a formação do lar não consiste unicamente nas partes desfrutarem o ato genésico, nem que o esposo tenha mucama, cozinheira, lavadeira, pagem, porteira e mesmo secretária, sómente ela a trabalhar mais de 14 horas diárias, sem receber salário algum, mesmo que ela, como esposa, por sua parte, disponha de um homem que lhe traga o produto de seu salário mensal e que ela administre à sua vontade. Trata-se, a nosso ver, de algo mais vital: que ambos vivam unidos, na mais completa harmonia e respeito recíproco. Sómente assim o matrimônio poderá ter filhos sadios física e moralmente. A educação, disse um grande pedagogo europeu, começa no seio materno, para a qual devem colaborar com máxima eficiência.

Anotemos, de passagem, que um casal conta com três filhos. São três psicologias distintas que é preciso analisar, estudar, corrigir, estimular, polir, aperfeiçoar. Neste caso, necessariamente a esposa tem que contar com a colaboração de seu marido, em lugar de aterrorizá-los com a ameaça do pai quando voltar de suas ocupações, inflingindo-lhes castigos corporais por suas travessuras. As travessuras são inerentes a todas as crianças; todos os meninos são travessos. Os inibidos se criam como múmias e depois já adultos, se tornam déspotas.

Mas, voltemos ao nosso problema: a orientação matrimonial dentro do cam-

po espiritista constitúe uma necessidade inegável, especialmente nos países em que grande é a porcentagem de analfabetos. A ignorância que impera entre os cônjuges determina episódios desagradáveis, divórcios e uxoricídios deploráveis, pagando os filhos as consequências dos mesmos. E os pequenos que se formam em lugares desarmônicos, são seres psicologicamente deformados.

Em suma, procuremos que os or-

ganismos espiritistas orientem seus membros jovens pelo verdadeiro caminho, nelles criando o sentido da responsabilidade, tão ausente em nossa época, com o objetivo de saírem de nossas fileiras, matrimônios felizes e filhos que sejam verdadeiras fortalezas espirituais, capazes de marcar rumos cada vez mais ascendentes e nobres a seus descendentes.

Tito L. Bancescu.

## ↓ O Proselitismo Condenável ↓ *Américo Luz*

A preocupação de fazer prosélitos, muito justificável nos cristãos dogmatistas como os protestantes e católicos, que crêm sinceramente na maior e quase só possibilidade de se salvarem os profíctes da sua fé, está tomando conta de vários dirigentes do movimento espírita, apesar das luzes doutrinárias esclarecerem o problema de maneira precisa e inteligível.

Tenho ouvido de muita gente bôa, com representação condigna no movimento, queixas e lamúrias relativas ao número diminuto de frequentadores das reuniões espíritas. Talvez se entristeçam tais idealistas com o fato de contemplarem vazias a maior parte das cadeiras das instituições, enquanto que os centros de diversões triviais estão sempre repletos, o que não deixa de ser compreensível e natural. Mesmo assim, não vejo justificativa para certas inovações, muita vez, pouco recomendáveis e comprometedoras do bom nome do Espiritismo, sob o pretexto de que é necessário difundir a Doutrina e atrair para ela as massas humanas. Creio que grande parte desses métodos, longe de atingirem o objetivo que lhes serve como determinante, provocam o descoroçoamento dos verdadeiros propósitos dos seus intérpretes e realizadores, conforme passo a analisar.

Primeiramente, vejamos como se referiu Jesus ao proselitismo dos fariseus:

«Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas! porque rodeais o mar e a terra para fazerdes um prosélito; e depois de feito o tornais em dôbro mais filho de Gehêna do que vós!» (Mateus, XIII-16).

Não se argumente que o Cristo falava aos fariseus daquela época, porquan-

to no versículo 5 do citado capítulo recomendava: «Fazei e observai, pois, tudo quanto êles vos disserem, mas não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem». Vê-se, concludentemente, que não eram perniciosos os seus conselhos, mas sim os seus atos, servindo, portanto, a advertência do Mestre não só com relação aos fariseus do seu tempo, como aos fariseus de todos os tempos, e também aos dos nossos dias.

A pregação do Messias não encerra um momento sequer de imposição doutrinária, nem de transigência com qualquer tentativa confusionista. Êle discursou perante os homens sem distinguí-los, curou cegos, obsidiados, leprosos e aleijados sem indagar de onde vinham e para onde demandavam. Falou a quantos lhe buscaram o convívio amoroso; mas, não o vemos correndo atrás de seguidores, nem fazendo quaisquer acôrdo com os seus opositores. Pelo contrário, defendeu os seus princípios contra todos os ensaios de deformação: censurou os escribas e os fariseus (Mateus, XXIII), expulsou os mercadores do templo (João, II, 14 e seguintes), reprimiu energicamente a ameaça de Herodes (Lucas, XIII, 31 a 33) — e quando foi conduzido prêso à sua presença, soube calar-se (Lucas, XXIII, 9).

No Sermão do Monte, definiu as virtudes essenciais ao progresso humano e, em meio à população do Globo escolheu doze discípulos. Vencidos os três anos do seu messianismo, ascendeu ao Plano Espiritual sob as vistas de poucas criaturas.

Certa vez, ante os protestos de alguns indivíduos que lhe pediam repreendessem os seus discípulos asseverou: «Declaro-vos que, se êstes se calarem, as pe-

dras clamarão» (Lucas, XIX, 39 a 40). Vemo-lo em todas as passagens do Evangelho absolutamente tranquilo, sem jamais apassivar-se diante do problema numérico, face aos poucos que o ouviam e entendiam.

No movimento espírita, entretanto, excedem o limite no que concerne à mania da arregimentação de adeptos. A' custa de tal programa, permitem alguns meios dirigentes do Espiritismo no plano terreno, numa incúria de pasmar, a deturpação do sentimento artístico pela realização de festas deprimentes, as infundáveis campanhas de caráter financeiro mal dirigidas, e até, que a Doutrina seja a torto e a direito confundida com outras manifestações de crença, cujo atraso e absurdez aturdem e amofinam consciências predispostas à aceitação natural dos sadios postulados, que constituem o edifício inabalável da filosofia maravilhosa dos Espíritos Superiores.

A meu ver, os ensaios dessa natureza escapam completamente a tudo quanto se póde fazer pela propagação da nossa amada Doutrina e pela elevação do seu nome perante a Ciência e a Humanidade em geral.

Alan Kardec deixa entrever claramente nas suas obras, que o Espiritismo nasceu para as criaturas que, se não têm firmes os seus caracteres, pelo menos se acham dispostas a melhorá-los. O espírita, digno dêsse nome, precisa ser sóbrio, estudioso e bem intencionado, vigilante e propenso a superar as suas deficiências intelectuais e morais. Há que ser sobremodo sincero, porquanto não existe ambiência no Espiritismo para levianos e incautos, displicentes e vaidosos. O Espiritismo quer a reforma moral do homem; quer a dignificação dos costumes; quer a divinização da arte; quer a justiça social; quer a vitória do Evangelho na Terra e a espiritualização da Ciência. Para o alcance dêsses ideais, outros meios terão de ser empregados pelos seus leais defensores, sem a preocupação do proselitismo a qualquer preço: a realização progressiva de congressos nacionais e internacionais; campanha e, se fôr necessário até promoção judicial, contra o emprêgo da denominação «espírita» por casas que nada têm em comum com o Espiritismo; utilização da imprensa para a propaganda equilibrada; conferências a cargo de conhecedores destacados da Doutrina, nos meios cul-

turais leigos; mesas redondas para tratamento de temas filosóficos de interesse relevante; difusão das obras básicas por processos racionais; democratização legítima dos processos eleitorais nos Centros, para a escolha de Diretores.

Não há nenhuma necessidade, porque contraria os próprios fundamentos do Espiritismo, de permitir-se a sua demoralização pelo emprêgo de política tendenciosa com o fito de arregimentar adeptos, e cujo resultado é, via de regra, provocar a confusão da Doutrina com sistemas ritualísticos fetichistas e não raro, amorais.

Nêste particular, aliás, dispendemos de muito boa vontade, classificando os arautos da promiscuidade observada entre macumbeiros espiritistas, como idealistas bem intencionados, pois que repugna a qualquer cardecista sério essa mistura defeituosa de fetichismo e Espiritismo. Volta e meia, deparamos com as manchetes berchantes dos jornais descrevendo ocorrências lamentáveis em terreiros de macumba, aos quais costumam emprestar a denominação «Centro Espírita». Lembrome de ter lido, há algum tempo, no «Diário da Noite»: «Matou a companheira em plena sessão espírita.» Pelo desenvolvimento da notícia, vê-se logo que o incidente se processara durante uma reunião afro-católica.

O «Diário Oficial» — seção I — na parte destinada às publicações das Sociedades, costuma inserir extratos de Estatutos de entidades umbandistas, que adotam o neologismo criado por Kardec para designação da doutrina que codificou, e que por direito, deveria ser-lhe exclusivo. Até pelos nomes, qualquer entendido em Espiritismo reconhece que não se trata de instituições espíritas: «Centro Espírita Filhos de Ogun»; «Centro Espírita Nossa Senhora de Fátima»; «Grupo Espírita Seguidores de Oxalá», etc. Ora, a simples aposição de nomes dessa natureza demonstra que tais casas não são espíritas, porque a doutrina de Alan Kardec não subentende cultos especiais a santos e entidades espirituais próprios das seitas de origem africana mescladas de catolicismo.

O livro de Deolindo Amorim «Africanismo e Espiritismo» afasta a hipótese de qualquer ligação entre os dois sistemas, opostos um ao outro pelos seus fundamentos, mesmo os mais elementares.

Tanto são duvidosos os propósitos daqueles ditos dirigentes do movimento espírita, aplicadores da política de aproximação e entrelaçamento das duas crenças antagônicas, que os seus processos e tentativas são hoje os mesmos de ontem, no que concerne à passividade com que aceitam e patrocina a fusão e a confusão, indefensáveis, dos grupos referidos.

Lippman Tesch de Oliver, prefaciando a obra citada «Africanismo e Espiritismo», em 28 de Dezembro de 1946, denunciava com coragem e inteireza: «Avolumou-se a confusão e seus efeitos bem palpáveis se fizeram notar tanto nos meios humildes quanto nas altas esferas, a ponto de certa instituição tradicional, que se erigiu em orientadora do movimento em nossa pátria, ao invés de alertar o público contra a investida dos exploradores e de zelar pela intangibilidade do patrimônio doutrinário, teve a inadvertência de incluir ao lado de seu quadro de sociedades adesas um outro complementar, no qual, sob a rubrica de COLIGADAS, mandou incorporar os «canzeis» umbandistas, disfarçados em agremiações espíritas, com o seu acervo de insanidades e credices, tudo isso — diziam os espectadores para se justificar — objetivando o escopo de converter tal gente a idéias mais sensatas e fazê-la abandonar os sis-

temas extravagantes de que se utiliza, hoje em dia, na prática da caridade mediúnica, baseados em velhas e ridículas superstições».

Lembremo-nos com Emmanuel (CAMINHO, VERDADE E VIDA — pag. 252), que «não somente o corpo da criatura humana padece a obsessão de espíritos perversos. Os agrupamentos e instituições dos homens sofrem muito mais». Acresce ainda que «é preciso permanecer vigilante à frente de tais sutilezas, porquanto o adversário vai penetrando também os círculos do Espiritismo evangélico, vestido nas túnicas da falsa ciência».

ESPIRITISMO É CIÊNCIA APERFEIÇOADA, ALTA FILOSOFIA, MORAL INDEFECTIVEL! E' Vida, Luz e Verdade, e, qualquer campanha com a finalidade de deformar ou aleijar os seus postulados reais deve ser taxada de bastarda e imprópria, ainda que partam as iniciativas dos meios mais representativos.

Fiquem, pois, prevenidos os proselitistas inescrupulosos, que o silêncio dos espíritas consciêntes, lídimos defensores, POR DEVER, da integridade da Doutrina, não será suficiente ao seu repouso e à sua tranquilidade. Se êstes se calarem, «AS PEDRAS CLAMARÃO!»

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1953.



## Espiritismo é Espiritismo



PEREIRA  
GUEDES

O Espiritismo em nossa terra, está vivendo a sua hora decisiva, exigindo de todos os seus adeptos francas atitudes.

Se não marcharmos impávidos com a Doutrina codificada, procurando em tudo e sobretudo, prestigiá-la com a nossa conduta alforriada de todos os preconceitos que nos retardam os passos na senda da evolução, resvalaremos por certo, mergulhando-nos nas águas estagnadas da crença cega a que nos querem levar alguns fanáticos e santarrões, enfatuados de uma débil tolerância que mal disfarsaria uma pobre alma atemorizada diante do desconhecido!

Não basta, sabemos, para tornar-se espírita, que se tenha estudado com a devida ânsia de saber, as obras fundamentais, mas, muito menos, que se acredite nas manifestações dos espíritos.

O que é preciso, o que é necessá-

rio, é que se tenha um grau suficiente de evolução espiritual, libertando-nos de tudo quanto até então nos prendia às fantasias nefastas da credice religiosa, colocando-nos no nível a que a Doutrina Espírita nos conduz, muito acima dos mistérios indecifráveis que ainda hoje servem de sustentáculo ao fanatismo religioso e razões as mais poderosas com as quais os «tubarões» de todas as igrejas vivem da exploração religiosa das massas retardadas e incapazes de penetrar no conhecimento da mais evolucionista das doutrinas até então conhecidas: o Espiritismo.

O inquerito do vespertino «VANGUARDA», sobre a Religião de Umbanda em face do Espiritismo, é um atestado vivo da nossa ignorância doutrinária e a prova inconteste do fanatismo religioso de um povo crente, sem cultu-

ra religiosa; de um povo desprovido dos recursos necessários ao discernimento.

Vêzes inúmeras, mesmo pelas colunas desta Revista, temos ferido o assunto, procurando demonstrar a nossa linha de conduta, sem menosprezar as convicções daqueles que não seguem a mesma estrada que vimos trilhando há longos anos, sob a proteção desses faróis imensos que a Doutrina Espírita nos oferece.

A nossa entrada para o Espiritismo, foi feita através das obras fundamentais, cuja leitura iniciamos no ano de 1918, em Soledade, município de Mar de Espanha, em Minas Gerais.

O «Livro dos Espíritos», em seguida o «Evangelho Segundo o Espiritismo» e os demais livros que constituem esse imenso patrimônio, foram portas que se abriram à avidez do nosso espírito sedento, mostrando-nos a maior fonte de conhecimentos filosóficos, até então, para nós ignorada.

Há mais de trinta anos, portanto, sem solução de continuidade, vimos nos batendo pela pureza da Doutrina.

A nossa primeira conferência realizada em 26 de Novembro de 1922, na União Espírita «Riopedrense», reproduzida no mês seguinte, sob a presidência de Ignacio Bittencourt, na União Espírita Suburbana, marcou o nosso primeiro grito de defesa da Doutrina contra aqueles que misturavam o Espiritismo com as mais esdrúxulas práticas esotéricas, como se tudo isso fôsse Doutrina Espírita.

Já naquela época, quando ainda se não falava em Umbanda, a nossa apoucada inteligência era posta à serviço da grande Doutrina, contra as várias espécies de enxertos que alguns místicos nos pretendiam impôr, alegando como justificativa a semelhança de princípios doutrinários entre o Espiritismo e as várias correntes espiritualistas, mormente as que proclamam as manifestações de espíritos e fazem desses fenômenos a principal razão de sua existência, mesmo sem estudá-los como seria mister que o fizéssem.

Sem a menor ofensa aos teosofistas e aos esoteristas de então, defendíamos o Espiritismo vítima de tantos enxertos, sem jamais acreditarmos fossemos levados à campanha mais intensa, que é a em que hoje estamos empenhados, procurando sempre e cada vez mais,

ressaltarmos os postulados da Doutrina, agora, para muitos, equiparada a simples terreiros de Umbanda, onde a ausência dos princípios doutrinários do Espiritismo é patente.

A nossa luta pela preservação da Doutrina surgiu com o nosso ingresso nas fileiras do Espiritismo, e, desde essa época jamais, convertido aos princípios que se tornaram razões supremas da nossa nova conduta, deixamos de nos bater em favor do patrimônio sagrado, que havemos sempre de defender.

A hora de confusão que estamos vivendo, requer de todos os que pregam, a maior sinceridade e o maior respeito à Doutrina que diz professar.

Ainda este ano, por ocasião das festas católicas de São Jorge, das quais participam em maior número os umbandistas, como sempre acontece, tivemos a desventura de ouvir através de programas radiofônicos, além do anúncio de uma conferência de conhecido pregador espírita em uma Tenda de «Ogum Guerreiro», que falaria sobre «O Dragão do Irmão Jorge», cresceu ainda mais a nossa desventura quando, ao microfône, falando a um público talvez mais numeroso, esse mesmo orador repete, precedida de elogios à Tenda de «Ogum Guerreiro», a palestra que fizera sobre o «Dragão do Irmão Jorge», derramando-se em malífluas e elogiosas palavras aos crentes de «Ogum», a cujo credo se alia para assoalhar, engazopando a místicos e a incautos que tudo isso, toda essa mixórdia de que está constituído o sincretismo religioso que no Brasil se denomina Umbanda, é Espiritismo.

Não tem sido entretanto, inútil, a nossa campanha.

Sabemos que ela produzirá o resultado que se deve esperar: a declaração pública de homens e instituições, expondo o que pensam, como pensam e por que pensam, a respeito da Umbanda em face do Espiritismo.

O que se não pôde é permanecer nessa situação confusa, que mais se acentuará se não houver de nossa parte, a necessária e inadiável manifestação pública, definindo a nossa posição de espíritas, acórdes com os ensinamentos kardecistas.

Umbanda é Umbanda, Espiritismo é Espiritismo.

Rio, Maio de 1953.

# Gôtas de Entendimento

Major Levino  
Cornélio  
Wischral

**Doença** — Qualquer enfermidade resulta de conflito sentimental. O coração que certa vez extravasou de ódio, continua retendo êsse terrível veneno nas fibras, enfermado o delicado mecanismo do corpo físico. A saúde se restabelecerá como por milagre se cauterizamos pelo perdão êsse maldito e pegajoso resíduo.

Não despreze, pois, valiosa oportunidade para engrandecer-se a si próprio e ao seu desafeto. O perdão é a alavanca potente que eleva proporcionando paz íntima e saúde constante.

**Sofrimento** — Toda pessoa que sofre, precisa ela mesma, não outra, nem seu confessor, desenterrar o motivo dêsse padecer, algumas vêzes remoto e bem oculto, lá em algum escaninho da alma. Um exame honesto e penetrante apontar-lhe-á êsse arquivo de aflição, êsse indefinível estado de melancolia íntima que se arraigou na alma. É uma manchinha negra que o espírito anseia por se desembaraçar. Algumas vêzes ofende-se ao próximo por palavras, ações ou gestos; êsse impensado proceder martirizará a ambos, mesmo parecendo estar no olvido.

Muitos julgam mitigar ou enterrar sofrimentos e dores, entregandó-se aos mais funestos vícios e gozos. Nenhum, no entanto, nem mesmo o mais torpe, tem o poder de encobrir ou anular a falta. Passada a repugnante tempestade dos sentidos, volta o poder equilibrado da consciência a fazer as vêzes do bom azeite que flutúa, clamandó por socorro, sôbre a água infecta.

Padecer-se-á enquanto não fôr consertado o élo rompido pela discórdia. Urge desarquivar êsse livro amarelecido pelo tempo, cujo registo injurioso exige o mais amplo apaziguamento para que a paz retome às pressas ao devido logar.

A lei do «amai-vos uns aos outros» nunca será contaminada por sentimentos menos puros, nem tão pouco admitirá outras interpretações.

**Auxílio** — De que maneira e a quem prestar auxílio não nos deve preocupar em demasia. Não perca seu rico tempo refletindo; sature-se, isso sim, de boa vontade e verá que centenas de necessitados, por si sós, irão visitá-los, sem mesmo ter você pronunciado uma palavra sequer.

Inexplicavelmente o Alto lhe ornamentará com imanizante luz que lhe proporcionará recursos para assistir aos órfãos de qualquer natureza.

**Calúnia** — Já nos recomendaram alhures, que experimentássemos elogiar, exaltando nobres qualidades de alguém, em roda onde todos são concordes em maldizer ou caluniar a pessoa visada. Comece treinando e surprêso observará estranhas e esquisitas manifestações advindas dessa sua atitude; conhecerá certas facetas do sêr humano totalmente desconhecidas e perceberá também o enorme esforço dos que teriam de empregar cristãmente o «bendizeis os que vos maldizem».

**Títulos** — Seja disputador ambicioso, temível e constante nas lutas pela conquista do maior número de títulos, quais sejam: defensor acérrimo dos fracos e oprimidos; gladiador intransigente contra o vício; combatente intrépido da fraternidade; lutador incansável contra as baixas paixões. Obtidos êsses títulos, fácil chegará a conquistar o diploma máximo: «Campeão do Amor». O feliz possuidor dêsses pergaminhos todos, na certa que então poderá se orgulhar de ser o «mais humilde seguidor de Jesus».

Que título já conquistou você? Jesus espera homenageá-lo em breve.

**Agruras** — Ouvimos a certos confrades dizerem: «Se eu não fôsse espírita já teria sucumbido, já estaria noutro mundo, tamanhas são as agruras da vida». É só ao espírita que estão reservadas tão desconfortantes visitas? Por ser espírita recebe êle maior número de provas?

Não, não raciocinemos assim. O budista, o católico, o protestante, todos passam pelo mesmo crivo de experiências, pois, todos desejam, como nós, praticar o bem. O espírita que deveria sentir-se até feliz, por ter o exáto conhecimento das causas é, no entanto, um valente resmungador.

**Simplicidade** — Os últimos milhões meditam agora ensaiando o passo seguinte para abandonarem as magnificências e os esplendores das naves e dos altares representativos das religiões de culto exterior. A ostentação já não mais empolga; ao contrário, até afronta o humilde, o bem intencionado, o simples. Os aparato-

soz santuários têm o singular poder de induzir à luxúria, afastando-nos, por isso, da seára de Jesus.

Tornai, por essa razão, as vossas sessões mediúnicas cada vez mais naturais e sinceras; basta lembreis a rústica mangedoura amiga que deu nascimento ao Grande Mestre dos Mestres.

Essa pomposa exposição religiosa, de propósitos pouco divinos mesclados com coisas profanas e banais, acomodava-se com real vantagem, não o negamos, à distante Idade Média; naqueles tempos, porém, já foram os nossos espíritos beneficiados com tais remédios da alma.

Presentemente procuramos a solução do problema que nos livre das vacuidades terrenas e nos donduza à essência divina.

**Diferença** — Não vos inquieteis, caros confrades espíritas com os adeptos e praticantes de outras religiões. Muitas e muitas vêzes agem melhor que nós.

Se êles forem bons, apenas e muito satisfeitos dirão, ao ingressarem no plano espiritual: «Oh! eu pensei que fôsse diferente».

E lá se vão êles subindo...

**Obstáculo** — Já reparou como as boas maneiras e especialmente o sorriso solucionam a contento qualquer situação difícil? Por que então martirizar-se?

O sentimento fraterno é para essas ocasiões; é também para uso externo, fóra do lar.

**Ultima tentativa** — Pela misericórdia de Deus, a mediunidade destinada a espalhar o verdadeiro Evangelho, desabrocha nestes últimos tempos com incrível rapidez, da noite para o dia. Êsse feliz evento invade qualquer setor da atividade. E' um apressado, derradeiro e angustioso convite à humanidade para que retorne ao reino do Senhor.

Nunca se falou tanto em assuntos espíritas pelos jornais, nas revistas, no teatro, no cinema, pelo rádio-teatro, em reuniões e em conferências.

Apático, entretanto, o homem segue adiante, imitando, com perfeição, o autômato de metal, num alucinado desafio dos próximos horizontes de luto. E' por isso, que também marcham, de mãos dadas, o sofrimento e a dôr, aumentando de intensidade à proporção que se afastam de Deus. Os tentáculos dos que se apartam do aprisco do bem, desejam consolar-se, envolvendo maior número de acólitos.

**Prece** — Toda prece vinda das profundezas do nosso sêr, transforma-se em luz que espanta as trevas e afasta de nossos caminhos os espíritos malfazejos. Isto não é vã literatura, é a relidade, é o que os espíritos superiores descrevem daqueles que se encorajam na claridade da súplica.

São Tiago, discípulo do Mestre, naquele tempo já nos recomendava no capítulo 5 versículo 13: «Está alguém entre vós aflito? — Ore!»

Quem já teria sentido a insuperável satisfação da prece?

**Saúde** — Já visitou algum leprosário? Os atacados do fogo selvagem já mereceram sua visita? Já foi ver de perto o que se passa num manicômio ou num hospital de cancerosos?

Não? Infelizmente desconhece o tesouro de sua saúde e ignora, é pena, a excelsa e inextinguível Fonte de todo o Bem. Agradeça aos Céus, contrito e de mãos postas em prece a dádiva do seu vigôr físico.

**Seu caso** — No longínquo tempo do velho legislador Moisés, vigorava a cruel pena de Talião — olho por olho, dente por dente. Com a vinda do Filho de Deus foi amplamente difundida a mais santa das leis, a do Amor, única que salvaria os homens. Com Kardec, essa mesma lei foi ainda mais dilatada, exemplificada e estudada nas suas causas e efeitos. Lançada a boa semente, há tantos séculos atrás, passamos agora a reexaminar a questão e cremos que a maioria ainda adota a pena de Talião; poucos mal se suportam e um apagado mínimo segue Jesus.

Qual será o seu caso? Naturalmente o último!

**Alma Gêmea** — Não faz muito tempo, foi o arraial espírita enlaçado por grande confusão entre distúrbios que, sobremaneira, foram de agrado das falanges de espíritos perversos e galhofeiros.

Alma gêmea foi a maçã da discórdia. Alma gêmea, vibração afim, sintonia idêntica, simpatia mútua ou igual, ao ser estudada exercia misteriosa influência, incitando nervosamente alguns ignorantes e incautos estudantes no desejo incontido de abandonarem, como dementes, os filhos e o outro cônjuge, escondendo intentos obscuros sob capa honrosa. Sair loucamente à caça de sua sonhada e fantasiada alma gêmea era o frenesí dos mais afoitos.

Não seriam monstruosos crimes se

essas uniões se realizassem em detrimento a inocentes crianças relegadas à miséria?

Graças a Deus a inteligente voz do «chega!» ecoou em tempo, do Céu.

Os que já estão unidos pelo matrimônio, lutem e esforcem-se por fazer de seu cônjuge a sua alma gêmea; não a tentem procura-la fóra do lar; nunca a contrariariam.

Materializando grosseiramente o então agitado problema, poderíamos afigurar mentalmente um órgão de fantásticas dimensões, contendo teclas diferentes aos bilhões. O dedilhar dêsse mar de cordas sonoras, fazendo as vêzes de almas gêmeas, na certa nos apontará no infinito do espaço e do tempo a nossa única, exata e correspondente vibração gêmea ou seja a outra metade de nossa eterna sintonia.

Que a precipitação pela escolha daquilo que, por óra, nem idéia temos, não nos seja desastrosa. Tudo virá às nossas

mãos no justo momento de o merecermos, não antes; enquanto isso, vibremos em tonalidades cada vez mais sublimes, considerando todos os entes humanos como nossas almas gêmeas.

Para o progresso mais rápido da humanidade nunca as leis da Divina Providência consorciavam duas almas do mesmo quilate evolutivo. Pelo que temos observado, compete a mais adiantada exercitar-se no amor, burilando pacientemente a mais retardada, isto pelo menos é o que verificamos na nossa esfera de progresso.

Também o equilíbrio e conseqüente harmonia do Universo, estão baseados nêsse mesmo conceito, pois, resultam da constante ação e reação de seus elementos componentes, humanos ou não.

Emmanuel, o nosso austero evangelizador espiritual instrúe-nos divinamente a respeito, no título Vida Conjugal — do seu livro «Vinha de Luz».

Lendo-o tereis alcançado mais uma gotinha de entendimento.

## Porque não devemos chorar os mortos?

**E**STIVE conversando com um velho amigo dos bancos escolares que, há muito tempo não encontrava. É êle hoje um brilhante advogado e pertence a um dos principais gabinetes de juriconsultos da República.

Na ante-sala de uma importante repartição federal, trocávamos idéias sobre inúmeros problemas quando perguntei-lhe se conservava ainda sua antiga crença religiosa. Confirmou. Disse-lhe, então, que havia adotado o Espiritismo. Encontrára nêle as grandes soluções que nem a filosofia católica, nem a dos mestres escolares ou universitários — me haviam possibilitado nos vastos domínios da alma e do pensamento.

Julguei que o meu amigo me fosse lamentar e que as suas reações surgissem violentas, no propósito de convocar-me à retratação. Isto, entretanto, não se deu. Tive, ao contrário, a impressão de que o seu espirito anciava por uma oportunidade de esclarecimento. Tal acontecera comigo mesmo, há cinco anos passados.

Sem qualquer outro preâmbulo, tomou da palavra e disse-me que não pu-

dêra compreender a fortaleza espiritual de um certo amigo seu ao assistir o falecimento de uma filhinha e depois o de sua própria mãe. Estranhara-lhe a serenidade com que se apresentára ao serviço nos dias imediatos aos grandes golpes recebidos, como se nada houvera acontecido. Êle, o meu amigo, que apenas conhecera de nome a filhinha e a mãe do seu companheiro de trabalho, encontrava-se de íntimo entristecido. Sentia um nó na garganta e tinha dificuldades em se aproximar do companheiro para lhe apresentar as suas sentidas e tradicionais condolências.

Encorajando-se, foi abraçar e cumprir com o seu dever de solidariedade quando experimentou a grande surpresa de notar no colega, não a personificação da dôr ou do sofrimento, do desespero ou da saudade, mas, encontrar, estampadas na fisionomia do companheiro a tranquilidade, a serenidade e um estado interior de compreensão e de alto domínio, para êle intompreensíveis.

Não sentiu bem uma decepção, de vez que conhecia a natureza dos gran-

des sentimentos que ornavam a personalidade do outro.

Um problema a mais, porém, ficou fazendo parte dos seus pensamentos e das suas reflexões.

Perguntou-me se lhe poderia esclarecer a respeito da razão dessa atitude, para êle estranha, que assumem os espíritas ante os dolorosos quadros humanos da separação sentimental ocasionada pela morte.

Disse-lhe eu que os verdadeiros espíritas não choram, e não se desesperam por saberem que os espíritos, ao desencarnarem, terminam mais uma experiência no corpo físico e que, despojados destes, se integram na vida espiritual que é o caminho mais próximo para a vida eterna. Que as dôres e os sofrimentos físicos encontram o seu termo final e que os desencarnados, a partir dêsse transe, ficam sujeitos, apenas, a influência do poder e da força dos nossos pensamentos.

Si nos deixarmos levar pela saudade e com isso o nosso coração passar a emitir os soluços da alma, na revelação da nossa dôr e do nosso sofrimento, o espírito querido recebe os efeitos desses sentimentos e atraído por êles vem até nós e sofre conosco. Si, ao contrário, pela prece e pelo pensamento fazemos-lhe sentir que o seu estado é melhor do que o nosso e que lhe compete prosseguir no novo caminho evolutivo e não o chamamos inutilmente, então, sim, estaremos cooperando com o desencarnado, estimulando-o para as novas tarefas e concorrendo para que não se afaste dos seus deveres de trabalho e de elevação.

Expliquei-lhe o grande valor da prece e lhe descrevi algumas das paizagens que encontramos descritas nos livros de André Luiz, pelas quais ficamos sabendo que a nossa vida terrena é uma pálida e ofuscada cópia da vida do espírito, como por exemplo, na colônia espiritual «NOSSO LAR».

Contei-lhe, então, o caso daqueles dois desencarnados que pouco a pouco

estavam se edificando em tarefas reeducadoras num dos Postos de Socorro, quando foram atraídos ao plano terreno pelas saudades e incoformação de seus familiares que, sem tréguas, emitiam lágrimas sentidas e pensamentos repassados de profunda dôr.

Aproveitando uma próxima excursão de assistentes socorristas que se dirigiriam á terra, ambos pediram e conseguiram autorização para fazerem uma ligeira visita ao lar terreno, onde, pela cooperação mediúnica, pretendiam deixar mensagens de consolo e normas de esclarecido entendimento aos seus familiares.

Mas... ao contacto com o ambiente material, sem que o percebessem, deixaram-se envolver pelos problemas do círculo doméstico — sempre sujeito a êrros e a paixões—e, como nem um dos dois ainda se encontrava preparado para os trabalhos de auxílio aos encarnados, paulatinamente foram arrastados pelas seduções e pelas tentações. Densos fluidos envolveram-lhes os respectivos perispíritos, tornando-os pesados e incapazes de regressarem ao Posto de Socorro, que antes os abrigava e preparava para ascensões aos planos superiores.

Poderemos calcular os grandes prejuízos que tiveram aqueles dois desencarnados. Não prosseguiram os trabalhos de edificação pessoal que empreendiam sob a orientação de espíritos experientes e se lançaram em tarefas para as quais não se encontravam preparados.

Tem aí pois o amigo, uma das razões pelas quais os espíritas não choram nem se agarram a recordações demoradas e dolorosas. Sabemos meu caro amigo que o desencarnado deve estar em melhores condições áquelas em que vivia antes do seu passamento. E, si acaso o seu espírito se encontre necessitando de nosso auxílio, este sómente lhe poderá ser enviado por intermédio de nossas preces, o magnífico e extraordinário veículo com que nos poderemos comunicar com o Pai.

*Gilson de Mendonça Henriques.*

## TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

*Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :*

*1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.*

# Crônica Estrangeira

## A Morte de Abraham Lincoln

Trad. de ARMANDO SANSÃO

O mais célebre exemplo de um homem prever, em sonho, a sua própria morte, é o de Abraham Lincoln. Um relato completo foi registado pela principal testemunha, Ward Hill Lamon, nas suas «Reminiscências de Abraham Lincoln». Lamon foi um antigo advogado, sócio de Lincoln e, durante a Guerra Civil, Governador do Distrito de Colúmbia. Afortunadamente, êle tomou notas imediatamente após ter ouvido o Presidente contar, pela primeira vez, o seu sonho e Lincoln a êle se referiu, repetidamente, durante os dias que se seguiram. E' evidente que tal sonho oprimiu, pesadamente, o espírito de Lincoln, desde a noite em que teve lugar. Não houve, contudo, na sua profética visão, indicação de tempo. Entre o sonho e a realidade decorreu, de fato, um certo número de dias.

Em virtude da sua elevada categoria e do seu lugar na História, será preferível citar, textualmente, da narrativa de Lamon:

O mais aterrorador incidente da vida de Lincoln, escreve Lamon, foi um sonho que êle teve uns dias, sómente, antes do seu assassinato. Para êle, foi uma coisa de fatídica significação e, certamente, nunca um sonho correspondeu, mais exatamente, à terrível realidade... Depois de andar atormentado alguns dias com o sonho, Lincoln parecia não poder conservar, por mais tempo, o seu segredo. Eu vou reproduzir as suas próprias palavras tão aproximadamente, quanto me permitem as notas que eu tirei imediatamente após a sua descrição. Havia, sómente, duas ou três pessoas presentes. O Presidente mostrava-se num estado de melancólica meditação e esteve silencioso por algum tempo. A senhora Lincoln, que estava presente, gracejou com o semblante solene e com o alheamento do marido. Isto pareceu despertá-lo e, sem demonstrar ter notado os gracejos da esposa, disse em tom suave e pausado:

### *Frequentes Menções de Sonhos na Bíblia*

«Parece estranho o quanto existe na Bíblia àcerca de sonhos. Há, penso eu, alguns desesseis capítulos no Velho Testamento e quatro ou cinco no Novo Testamento, nos quais são mencionados sonhos. E existem várias outras passagens dispersas que se referem a visões. Se nós acreditamos na Bíblia, devemos aceitar o fato de que, nos velhos tempos, Deus e os seus Anjos, vieram até aos homens, durante o seu sono, e fizeram com que, em sonhos, de si próprios tivessem conhecimento. Hoje em dia, os sonhos são encarados como simples tolices e raras vêzes contados, a não ser pelas mulheres velhas e pelos jovens apaixonados.»

A senhora Lincoln, neste ponto observou: «Porque pareces tão terrivelmente solene? Acreditas em sonhos?»

«Eu não posso afirmar que acredito — respondeu Lincoln — mas, uma noite destas, tive um sonho que me deixou obcecado. Depois disso, a primeira vez que abri a Bíblia, foi, por muito estranho que pareça, no cap. XXVIII da Gênesis que relata o espantoso sonho de Jacob. Voltei a outras passagens e parecia encontrar um sonho, ou uma visão para onde quer que olhasse. Continuei voltando as folhas da Bíblia e onde quer que pousassem os meus olhos, surgiam passagens estranhamente relacionadas com os meus próprios pensamentos — visitas sobrenaturais, sonhos e visões.»

Ele parecia, agora, tão sério e agitado, que a senhora Lincoln exclamou: «Mas tu assusta-me! O que se passa?»

«Tenho receio, — disse Lincoln observando o efeito que as suas palavras haviam tido sobre a esposa — de ter errado, referindo-me a este assunto, mas seja como for, a coisa apoderou-se de mim e, como o fantasma de Banquo, não desistirá»

Isto espicacou, ainda mais, a curiosidade da senhora Lincoln que, enquanto protestava enérgicamente contra qualquer crença em sonhos, fortemente o incitava a contar o sonho que, de tal forma, parecia subjugar-lo, no que era se-

cundado pelo outro ouvinte. Lincoln hesitou mas, por fim, com uma sombra de melancolia cobrindo os seus olhos castanhos, começou:

### *Uma terrível surpresa*

«Há uns dez dias recolhi-me muito tarde. Pouco depois de estar deitado caí em sonolência, pois estava fatigado, e, em breve, comecei a sonhar. Parecia haver, à minha volta, um silêncio de morte. Subitamente ouvi soluços convulsivos, como se muitas pessoas estivessem chorando. Julguei ter deixado a cama e que vagueava pelo andar inferior. Aí o silêncio foi quebrado por doloridos soluços, embora as pessoas que assim se lamentavam estivessem invisíveis. Andei de sala para sala. Não havia, à vista, qualquer pessoa viva, mas por onde quer que passasse, esperavam-me os mesmos lamentos de dor. Todos os objetos me eram familiares. Onde estavam, contudo, aquelas pessoas que assim se lamentavam como se os seus corações estivessem dilacerados? Eu estava, na verdade, confuso e alarmado. Qual seria a significação de tudo isto? Decidido a descobrir a causa de um estado de coisas tão misterioso e chocante, continuei deambulando até a Sala Oriente. Entrei. Ali me esperava uma surpresa macabra. Diante de mim erguia-se um catafalco, no qual repousava um cadáver envolto em vestes fúnebres. Em volta perfilavam-se soldados fazendo a guarda, e uma enorme multidão. Alguns contemplavam lamentosamente o corpo cuja face estava coberta; outros soluçavam piedosamente.

«Quem morreu na Casa Branca? — perguntei a um dos soldados.

«O Presidente!» — foi a resposta — «Ele foi assassinado!»

Da multidão veio, então, uma explosão ruidosa de dor, que me despertou do meu sonho. Não dormi mais naquela noite e, se bem que se trate de um sonho, desde então que me encontro estranhamente indisposto.»

«Tudo isto é espantoso» — disse a senhora Lincoln — «Eu preferia que não tivesses contado. Sinto-me contente de não acreditar em sonhos; de contrário ficaria aterrorizada daqui em diante.»

«Bem» — respondeu Lincoln pensativamente — «Trata-se apenas de um sonho,

Mary. Não falemos mais nisso e procura esquecer o caso».

Este sonho foi tão horrível, tão expressivo e tão ligado a outros sonhos e ameaçadores pressentimentos, que Lincoln andava profundamente agitado. Durante a sua narrativa estivera lúgubre e, por vêzes, visivelmente pálido, embora perfeitamente calmo. Falava suave e comedidamente, ainda que profundamente sensibilizado. Em conversa comigo, várias vêzes se referiu ao caso, terminando uma vez com esta citação do Hamlet: «Dormir, sonhar talvez! Aí está o busillis (1) — acentuando, fortemente, as últimas palavras.

Em certa ocasião, o Presidente aludiu a este terrível sonho com certo humor. Depois, ficou sério e disse: «Bem. Eu penso que o Senhor, nos seus altos desígnios, tudo acabará bem. Deus sabe o que é melhor».

Estas palavras foram ditas num suspiro em tom de solilóquio, como se não notasse a minha presença.

### *Lamon continua a sua História*

Contudo, no dia do seu assassinato, Lincoln estava mais alegre. Ele disse ao seu Gabinete que havia tido um sonho na noite anterior, o que era muito animador, porque tinha sonhado várias vêzes e sempre antes duma importante vitória da União. Portanto, Lincoln disse que estava confiante de que, em breve, chegaria a notícia da rendição do General Johnston. Este sonho auspicioso apresentava-se sob a forma de um navio singrando rapidamente e sériamente avariado, enquanto que os nossos barcos, vitoriosos, avançavam em cerrada perseguição. Ele contou também o fim de uma batalha terrestre, com o inimigo em completa fuga, e o exército da União tomando uma importante posição estratégica. Naquêl momento, a recordação daquêl outro sonho, tão assustador, tinha, aparentemente, desaparecido.

Todavia, Lamon contou que naquela noite, depois de Lincoln ter caído sob as balas do assassino e da notícia ter

(1) Nota do Trad. — No original: *There is the rub!* — Vide Dicionário Inglês Português do Pe. Julio Albino Ferreira.

surpreendido a senhora Lincoln, as palavras dela foram: «O seu sonho foi profético!» Não foi sómente o fato de êle ter caído assassinado. O seu corpo estava exposto na Sala Oriente, com uma Guarda de soldados à sua volta, precisamente como êle tinha visto naquela estranha previsão.

«Revista de Metapsicologia» — Lisboa.



## A Luz nas Trevas

Por Frederico Duarte — Manchester

Devido à fraqueza na minha vista vejo-me obrigado, em dias de sol, a usar óculos escuros. Na primeira vez que saí à rua com êles experimentei uma certa sensação. Em primeiro lugar tendo em frente de mim os vidros escuros, vi-me cõscio do fato de que me serviam de protetores obrigando-me a andar com cautela, empregando os meus sentidos de modo a seguir pelo meu caminho sem qualquer receio. Vi-me por conseguinte protegido por uma fôrça invisível que me guiava e deu ao ouvido mais apuro, podendo ouvir em bom tempo os ruídos e movimentos de automóveis, etc., Munido dos tais óculos escuros realizei a grande importância de ser cauteloso e a evitar qualquer desastre onde não só a minha pessoa como outras fossem envolvidas. Por conseguinte nunca atravessei as ruas a não ser nos lugares marcados para os pedestres.

Ao entrar num ônibus não só o condutor foi muito amável para comigo, como também, não havendo um assento vago, me foi oferecido um, sem me deixar seguir de pé.

Na rua mais, duma pessoa tratou de ajudar-me, evitando esbarrar-me com qualquer obstáculo, sendo de fato todos muito simpáticos e amáveis para comigo, julgando eu ser completamente cego ou muito curto de vista.

As suas ações, segundo os espíritos me disseram, foram motivadas por dois objetivos. O primeiro, por caridade e simpatia, e em segundo lugar porque ao verem-me assim às escuras no Mundo Material, atuaram com um certo im-

pulso dando louvores a Deus por não serem também cegos!

Todavia, muitas dessas pessoas se esqueceram logo de mim, quando nos afastámos um dos outros!

Sózinho, nessa escuridão do Mundo Material, fui a caminho do parque que fica perto de minha residência, e ali me sentei num banco. Pude ver e apreciar muito bem as lindas côres das flôres e seus arômas, e muito perto ver as crianças a brincar, pois estavam em férias de verão.

Vieram-me então ao pensamento fatos do passado. Durante a última guerra quando as Sereias anunciavam a visita dos aviões inimigos que nos vinham bombardear, a população na maioria, saía de suas casas e vinha meter-se em «Shelters» públicos ou particulares. Tive por mais duma vez a ocasião de observar a verdadeira união fraternal, de ricos e pobres, todos juntos, não sabendo nenhum dêles se, quando o ataque terminasse, iam ver suas casas intactas. Mais duma vez uma senhora mais corajosa saiu sob a sua responsabilidade e foi a casa buscar um bule de chá e biscoitos para todos. O perigo era assim de todos sem exceção, havendo por conseguinte a união entre êles.

Terminado o conflito, todos seguiram para suas casas, cuidando da sua vida, vivendo como antigamente, esquecendo-se daquele perigo compartilhado entre êles durante a Guerra! Prevaleceu assim o egoísmo, o indiferentismo. Muitos se esqueceram de Deus, e outros só se lembraram do Pai Eterno uma hora aos domingos quando iam à igreja!

As Nações uniram-se de novo para «enfrentar um novo perigo», mas não tratar de evitá-lo!

Não há moralidade alguma entre os «mandões» das Nações do Mundo!

Não existe nêles o verdadeiro senso comum e amor fraternal!!

São uns ingratos perante o Criador!

Como eram horas de ir para casa levantei-me, e não havendo Sol, pus os óculos escuros no bolso, dando graças a Deus por me dar paciência, estando convencido de que se houver uma nova guerra e o meu corpo for estilhaçado por uma bomba atômica, O MEU EGO jamais «morrerá às escuras».

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## União das Sociedades Espíritas do Est. de S. Paulo (USE)

Súmula da Ata da Reunião do Conselho Deliberativo Estadual, reunido no dia 26 de Abril de 1953.

O Conselho Deliberativo Estadual, reunido no dia 26 de Abril p. p. tomou, dentre outras, as seguintes resoluções :

1 — Criar mais dois Conselhos Regionais Espíritas, sediados nas cidades de Marília e Bebedouro, correspondendo às 13.<sup>a</sup> e 14.<sup>a</sup> Regiões, respectivamente. Esta decisão implica na criação de mais duas Uniões Distritais Espíritas na Capital, de acôrdo com disposições estatutárias.

2 — Solicitar aos Conselhos Regionais para enviarem, dentro de 30 dias, no máximo, sugestões sôbre a conveniência da criação de outros organismos dessa natureza, pela sub divisão dos atuais C.R.E., atendendo aos dizeres da Circular n.º 56 e possibilitando a D. E. tomar as providências necessárias no sentido de aperfeiçoar a estrutura orgânica da USE.

3 — Solicitar aos representantes dos Conselhos Regionais junto ao Conselho Deliberativo Estadual para remeterem à Diretoria Executiva, um relatório sôbre a situação das Regiões que representam, incluindo a solicitação de providências que julgarem necessárias ao bom andamento das atividades doutrinárias e unificadoras. Êsses relatórios devem ser encaminhados à D. E., 20 dias antes de cada reunião do Conselho Deliberativo Estadual, afim de que a mesma D. E. possa examiná-los e informar ao C. D. E., no momento da reunião, quais as providências tomadas para atender as solicitações feitas ou quais as medidas que sugere para a solução das questões aventadas pelos representantes dos Conselhos Regionais.

4 — Encaminhar às UMES, cópia do esquema para programação das «Semanas Espíritas», elaborado pelo Departamento de Organização e Propaganda, afim de que sejam apresentadas as sugestões que julgarem necessárias, dentro do menor prazo possível, de modo a poder ser aprovado, definitivamente, na próxima

reunião do Conselho Deliberativo Estadual.

5 — Concordar, em princípio, com a antecipação do Congresso Estadual de Mocidades Espíritas para os últimos meses do ano em curso, ficando a D. E. incumbida de estudar os detalhes dessa realização, por meio do seu Departamento de Mocidades, bem como estudar e resolver com o mesmo Departamento, as sugestões apresentadas por algumas organizações de jovens espíritas, reunidas, ultimamente, nesta Capital.

6 — Deligenciar junto ao Exmo. Sr. Governador do Estado, no sentido de se garantir o funcionamento do Centro Espírita «João Candido», da Colônia de Santo Angelo, visando assegurar a liberdade de culto naquêle Sanatório. Para a efetivação de providências para garantia dêsse direito constitucional, o C. D. E. conta com a solidariedade de todas as sociedades espíritas e confrades, intercedendo junto ao Sr. Governador.

7 — Aprovar, por unanimidade, todos os atos da Diretoria Executiva, referentes ao jornal oficial da USE.

8 — Aceitar os pedidos de demissão, apresentados pelos confrades Drs. Julio Abreu Filho e Manoel Paula Cerdeira, de todos os cargos que ocupavam na USE, agradecendo a cooperação prestada por êsses confrades, esperando que os mesmos voltem, em futuro próximo, a cooperar com a USE em seus trabalhos de Unificação da família espírita brasileira.

9 — Eleger o confrade Abraão Sarraf para o cargo de 2.º Tesoureiro, na vaga do Dr. Júlio Abreu Filho; a confrade Professora Luiza Pessanha Camargo Branco para o cargo de 2.º Secretário, preenchendo a vaga deixada por Abraão Sarraf em virtude da eleição deste para outro cargo e, finalmente, o Dr. Ary Lex para o cargo de 1.º Secretário, na vaga deixada pela professora Luiza Pessanha.

Assim procedendo, o Conselho Deliberativo Estadual teve em vista colocar esses Diretores nos cargos correspondentes aos Departamentos em que cada um deles se encontre mais integrado.

Dessa forma, de conformidade com disposições estatutárias, ficou o Dr. Ary Lex como elemento de ligação entre a

D. E. e o Departamento de Mocidades, a Professora Luiza Pessanha Camargo Branco como elemento de ligação entre a D. E. e o Departamento de Organização e Propaganda e o confrade Abraão Sarraf como elemento de ligação entre a D. E. e o Departamento de Publicidade, onde já vêm desenvolvendo proveitosa atividade.

10 — Lamentar a ausência dos representantes da 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> Regiões, embora alguns tenham justificado, telegraficamente, a impossibilidade de comparecimento dos representantes efetivos e seus suplentes.

11 — Apresentar aos familiares dos confrades Drs. João Mascarenhas Neves, — Presidente do C. R. E. da 3.<sup>a</sup> Região, — e Fábio Montenegro, — membro do Departamento Jurídico da USE, — os pezares desta entidade pelo recente falecimento dos mesmos.

12 — Convocar o C. D. E. para nova reunião, no dia 26 de julho vindouro, às 9 horas nesta Capital.

«Unificação» — O conselho Deliberativo Estadual tomou conhecimento e aprovou todas as providências tomadas pela D. E. no sentido de assegurar a breve circulação do jornal oficial da USE, aprovando a organização do Conselho de Redação integrado pela maioria de membros da D. E. e outros cooperadores, garantindo, assim, o pensamento da entidade e dando forma coletiva a esse empreendimento, de acôrdo com disposições estatutárias e finalidades da USE.

Sêlo: — O C. D. E. foi informado de que o sêlo para arrecadação de recursos para a USE, será distribuído dentro de breves dias, depois de ter sido cuidadosamente estudado pela D. E., quanto ao seu modelo e confecção.

Conceituação do termo «Espírita»: — O C. D. E. tomou conhecimento das providências tomadas pela D. E. referentes ao trabalho de esclarecimento da diferença existente entre Espiritismo e Mediumismo e consequente necessidade de conceituação do termo «Espírita», coibindo o desvirtuamento das práticas doutrinárias e o uso indevido dessa designação para sociedades e práticas que nada têm a ver com a Doutrina Espírita. Nêsse mesmo sentido, o C. D. E. tomou conhecimento da manifestação de desagrado feita pelo representante da USE no Conse-

lho Federativo Nacional, -- confrade Carlos Jordão da Silva, — em virtude da inoportunidade da divulgação de uma entrevista concedida a um Programa Radiotônico do Rio de Janeiro, dificultando o trabalho de conceituação do termo «Espírita», bem como pelo uso indevido dos endereços de sociedades espíritas, organismos da USE e pessoas, fornecidos por esta entidade à F. E. B. em caráter privado, em vista da utilização dos mesmos endereços para a distribuição da entrevista em aprêço.

2.<sup>o</sup> Congresso Espírita Brasileiro — O C. D. E. tomou conhecimento das providências tomadas pela D. E. para garantir a realização do 2.<sup>o</sup> Congresso Espírita Brasileiro, nesta Capital, em Outubro do próximo ano, em vista da concordância da F. E. B. e do seu Conselho Federativo Nacional.

Nessa ocasião, será também possivelmente, realizado, o 2.<sup>o</sup> Congresso da Mocidade Espírita do Brasil, de acôrdo com as providências e entendimentos que a USE vem realizando nêsse sentido.

São êsses, em resumo, os principais assuntos constantes da ata da reunião do Conselho Deliberativo Estadual, realizada no dia 26 de Abril de 1953, nesta Capital.

Fraternalmente

USE

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

Diretoria Executiva

Carlos Jordão da Silva

Secretário Geral.

## «Unificação»

Já está circulando «Unificação», órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE).

O seu primeiro número saiu a lume em Abril último, contém 8 páginas impressas em ótimo papel, formato 1/4 Germania. Insere noticiário do país e do estrangeiro, bem como artigos dos mais apreciados escritores espíritas da Paulicéia.

A «Unificação», que é mais uma notável realização espírita, votos de felicidade na sua árdua, mas nobre missão de espiritualizar e evangelizar a humanidade.

---

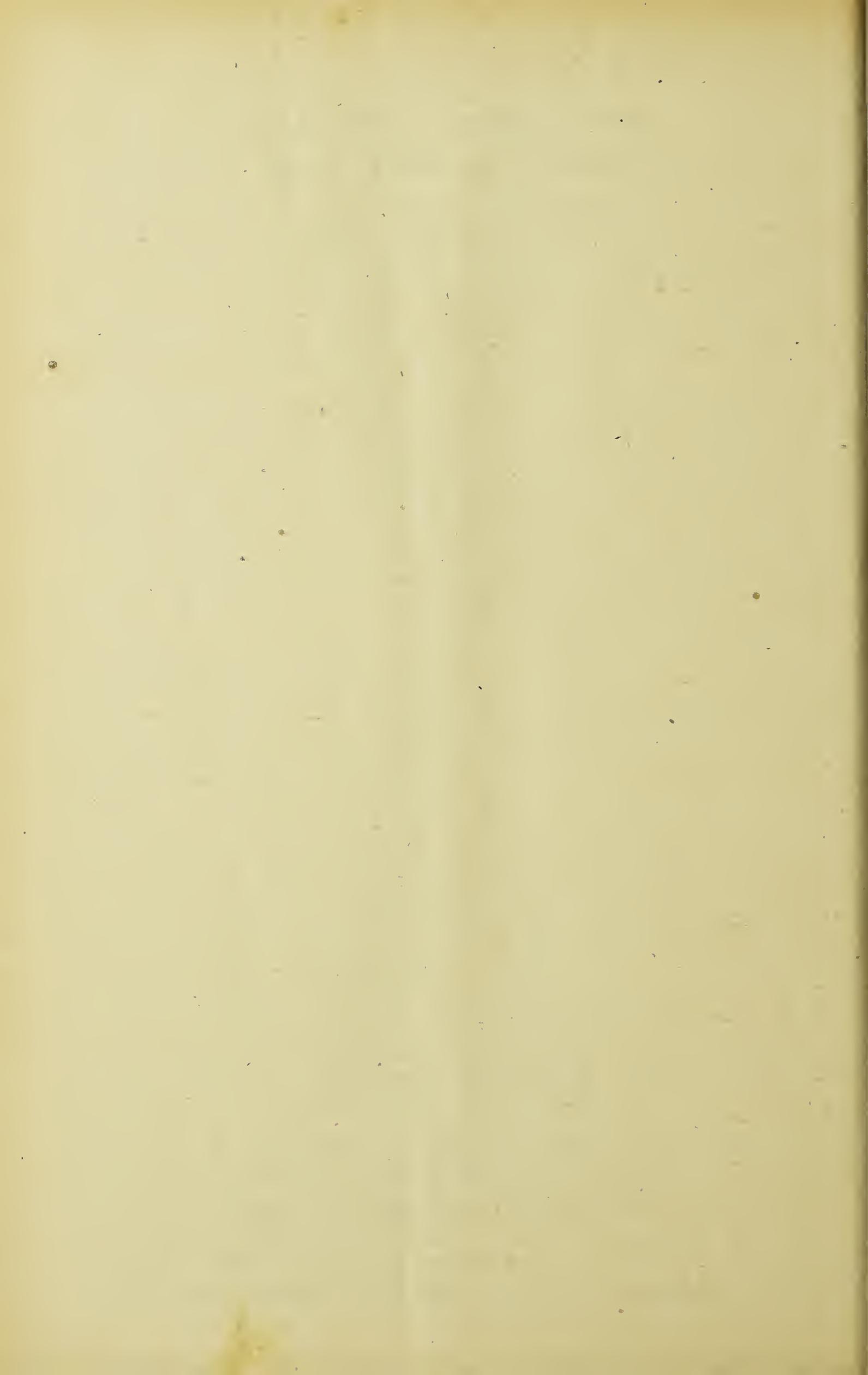
Obras mediúnicas recebidas pelo  
médiu Francisco C. Xavier

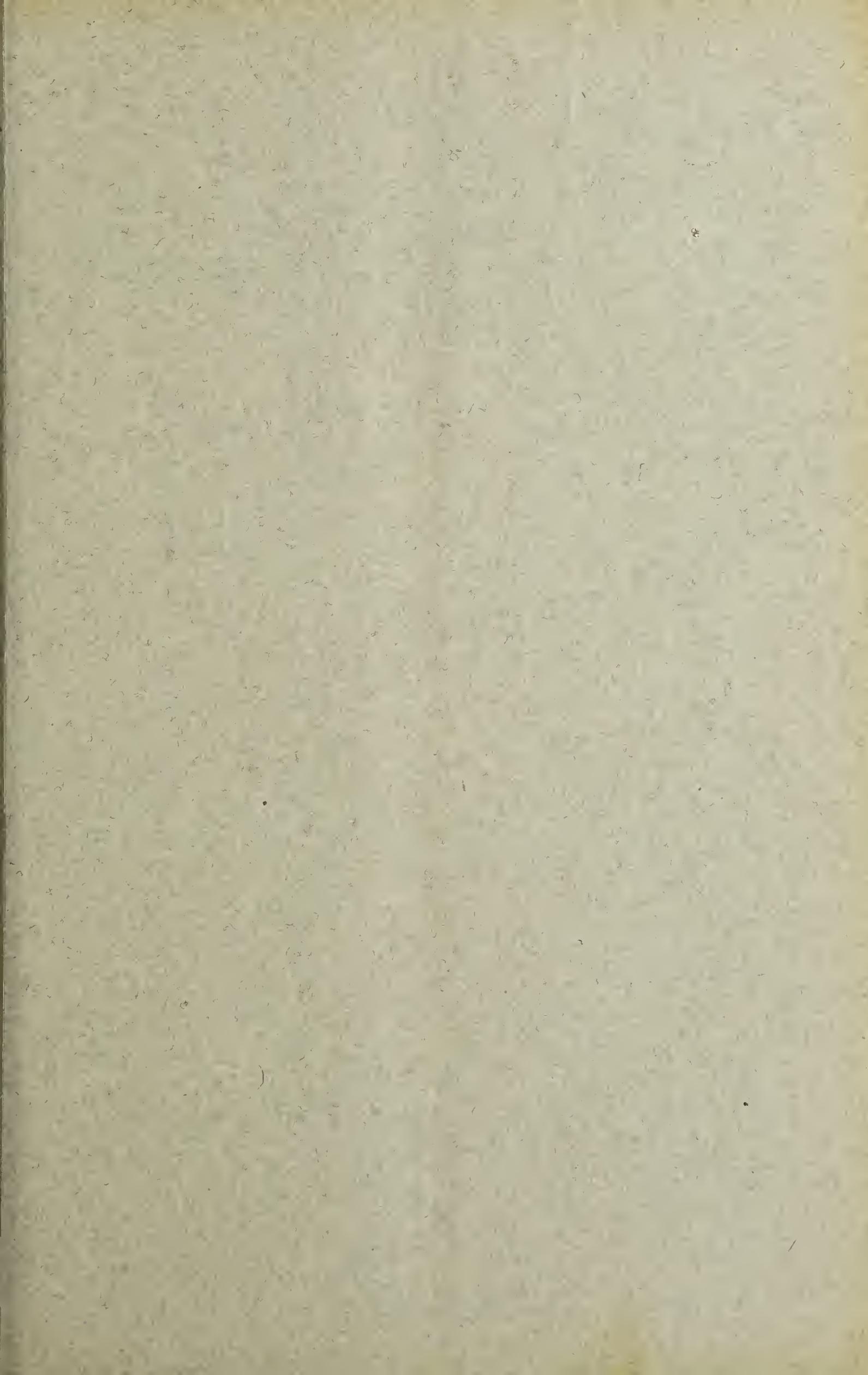
Reportagens de Além-Túmulo  
Brasil, Coração do Mundo  
Parnaso de Além-Túmulo  
Cartilha da Natureza  
A Caminho da Luz  
Coletâneas do Além  
Paulo e Estevão  
Pontos e Contos  
Alvorada Cristã  
No Mundo Maior  
50 Anos Depois  
O Consolador  
Gotas de Luz  
Pão Nosso  
Emmanuel  
Nosso Lar  
Renúncia  
Roteiro  
Voltei  
Pai Nosso  
Bôa-Nova  
Luz Acima  
Libertação  
Vinha de Luz  
Jesus no Lar  
Volta Bocage  
Agenda Cristã  
Falando à Terra  
Os Mensageiros  
Lázaro Redivivo  
Há Dois Mil Anos  
Novas Mensagens  
Missionários da Luz  
Cartas do Evangelho  
Caminho, Verdade e Vida  
Crônicas de Além-Túmulo  
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À  
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»  
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

---

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.





# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 40,00
	Semestre	— " "	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	50,00
	Semestre	— " "	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente  
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro



